

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. Permitida a cópia xerox. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

FERREIRA, Maria da Glória Lisboa de Nin. *Maria da Glória Lisboa Ferreira (depoimento, 2002)*. Rio de Janeiro, CPDOC/MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2002.

Esta entrevista foi realizada na vigência de convênio entre CPDOC-FGV e MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL - SECRETARIA DE ESTADO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**MARIA DA GLÓRIA LISBOA FERREIRA
(depoimento, 2002)**

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Angela Maria de Castro Gomes; Dulce Chaves Pandolfi

levantamento de dados: Angela Maria de Castro Gomes

pesquisa e elaboração do roteiro: Angela Maria de Castro Gomes

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 13/05/2002

duração: 2h 45min

fitas cassete: 03

páginas: 44

Entrevista realizada no contexto do projeto "Memória da assistência social no Brasil: constituição de banco de entrevistas", desenvolvido em convênio com o Ministério da Previdência e Assistência Social através de sua Secretaria de Estado de Assistência Social, entre 2001 e 2002, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos sobre o tema a ser disponibilizado no CPDOC e no Centro de Referência e Estudos da Assistência Social.

Sumário

Entrevista: 13.05.2002

Fita 1-A: Data e local de nascimento; nome dos pais; formação escolar em Petrópolis e no Rio de Janeiro; contato com o Instituto de Educação Familiar do Curso de Serviço Social através do meio social em que vivia; revolução feminina: entrada da mulher no mercado de trabalho; profissão do pai: engenheiro de minas; educação familiar esmerada; ingresso na Escola de Serviço Social com incentivo materno; a influência do Serviço Social francês e belga na criação das Escolas de Serviço Social do Rio de Janeiro e de São Paulo, respectivamente; a importância da figura de Alceu Amoroso Lima na criação da Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro; o curso de Serviço Social na Escola do Rio de Janeiro na época: o processo de seleção, aulas noturnas, somente alunas jovens e de classe média, a maioria das alunas participavam de movimentos sociais da Igreja Católica, trabalhavam durante o dia, os locais onde a Escola funcionava, os professores do curso, os campos de trabalho das assistentes sociais, o esquema das aulas; a separação entre mulheres e homens; direção francesa na Escola do Rio de Janeiro; influência da Igreja Católica na formação da Escola do Rio de Janeiro; a militância na Ação Católica antes e durante o ingresso na Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro.

Fita 1-B: Opiniões sobre Getúlio Vargas; a formatura na Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro: participação de ministros de Estado e demais autoridades; prestígio da Escola junto as autoridades do Estado: curso voltado para a valorização do trabalhador; o trabalho na Imprensa Nacional: assistência social aos trabalhadores, criação e organização do refeitório, serviço médico para o atendimento dos trabalhadores e de suas famílias, organização de uma biblioteca para os trabalhadores, criação de sala de estar e cozinha para as mulheres; primeiro trabalho remunerado: remuneração ajudava a família; viagem ao exterior para trabalhar com “deslocados” da Segunda Guerra.

Fita 2-A: Experiência no pós-guerra: viagem à Argélia junto com soldados americanos; estada de uma semana em Paris – apresentação à ONU – e treinamento em Londres: preparo para trabalhar com ex-prisioneiros dos campos de concentração; o treinamento era realizado pelos americanos; trabalho na Alemanha: estava a serviço da United Nations Rehabilitation and Relief Administration (UNRRA); visita a várias cidades; assistência aos *displaced persons* na cidade de Kassel: trabalho de reabilitação psicológica; remuneração pelo serviço prestado; reestruturação das famílias separadas pela Guerra.

Fita 2-B: Experiência no pós-guerra: o trabalho na UNRRA; a importância do aprendizado na Escola de Serviço Social para o trabalho com os *displaced persons*; volta para o Brasil: trabalho como professora na Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro, lecionando Serviço Social da Família e do Menor; trabalho na United Nations Catholic Organizations: organização dos *displaced persons* que viviam no Brasil e desejavam ir para os EUA; ida aos EUA e ao Canadá: trabalho com *displaced person*; trabalho com dom Hélder Câmara na Comissão Brasileira de Assistência: trabalho com migrantes, principalmente estrangeiros; financiamento do governo federal, do Vaticano e dos EUA para a Comissão Brasileira de Assistência cuidar dos migrantes estrangeiros.

Fita 3-A: Trabalho na Comissão Brasileira de Assistência: nordestinos; transformação da Escola em Faculdade; importância do Serviço Social nas outras ciências; aulas na Escola de Serviço Social da Universidade do Brasil e de Sociologia e Política na PUC; curso de Sociologia e Política na PUC; participação na Cruzada de São Sebastião; influência do Serviço Social norte-americano; trabalho voluntário no CBSS.

Fita 3-B: Opiniões sobre a Legião Brasileira de Assistência (LBA); a organização do CBSS; aposentadoria; o Serviço Social hoje; observações finais.

1ª Entrevista: 13.05.2002

Dona Maria da Glória, nós queríamos começar a entrevista perguntando seu nome completo e a data do seu nascimento.

Maria da Glória Lisboa de Nin Ferreira, nascida em 8 de maio 1916, em Petrópolis. Meu pai, Raul Nin Ferreira, era de origem portuguesa e nasceu em São Paulo, e minha mãe, Carmem Ribeiro Lisboa Ferreira era do Uruguai.

E como foi a sua formação escolar?

Foi em Petrópolis; eu estudei em alguns colégios, como o Colégio Sion, Colégio de Lourdes. Depois descemos para o Rio de Janeiro e fiz no, Pedro II, a oficialização do que eu tinha estudado lá. Em 1939, 38 ou 39, não me lembro, eu entrei para o Instituto de Educação e Formação de Assistentes Sociais que funcionava em Botafogo, numa casa cedida pelo doutor Alceu Amoroso Lima.

Dona Maria da Glória, como a senhora ficou sabendo da existência do Instituto de Educação Familiar e do curso de Serviço Social?

Se sabia porque era uma novidade no Rio de Janeiro, era o começo da evolução da mulher também, quando a mulher deveria se preparar para trabalhar. Então, na sociedade em que eu vivia, de classe média e classe média alta, havia essa preocupação: como se preparar para essa evolução da mulher. Porque naquele tempo não se pensava em evolução, simplesmente em uma mudança qualquer na sociedade. Nós não podíamos prever a revolução que seria conseqüente da mulher ir trabalhar. Essa entidade, muito cedo se dividiu em duas: a parte de educação, de educação do povo, não para as classes altas, e a outra, de assistência social, todos os problemas que começavam a aparecer no Brasil.

Dona Maria da Glória, a senhora falou que o Instituto era uma novidade e essa novidade circulou. A senhora ficou sabendo no ambiente que freqüentava?

No ambiente social em que vivíamos.

Quer dizer em que tipo de lugar?

Amigas, amigas de pessoas, conferências na Maison de France, no consulado francês... Naquele tempo havia no Rio de Janeiro muitos estrangeiros que vinham, traziam isso. Também através da própria Igreja, Dom Leme, que era muito amigo do Alceu Amoroso Lima.

Na Europa havia dois focos que queriam vir para o Brasil: da Bélgica e da França. O que estava mais adiantado pensou logo em São Paulo, porque, como era uma entidade que ia formar pessoas para lidar com o social, São Paulo estava se tornando mais importante do que o Rio de Janeiro por causa da sua industrialização. Então, em 1936 foi fundada em São Paulo uma Escola de Serviço Social, que mais tarde fez parte da PUC de São Paulo. E aqui a mesma coisa. Começou no Instituto Social e depois fez parte da PUC do Rio de Janeiro.

Dona Maria da Glória, voltando um pouquinho atrás, qual era a profissão do seu pai?

Meu pai era engenheiro de minas e trabalhou muito no Nordeste porque estudou em Ouro Preto. E lá ele se encontrou com Arrojado Lisboa – daí [riso] eu tenho o Lisboa –, que foi mandado pelo governo brasileiro ao Egito, para ver como se poderia tratar de açudes de água para o Nordeste. Foi ele quem pôs na cabeça do meu pai ir para Ouro Preto. Meu pai fez o curso em Ouro Preto e depois, como o Ceará era o estado mais sofrido com a seca, o Arrojado foi trabalhar lá e ele também.

E a senhora chegou a acompanhar seu pai nessas andanças?

Não, eu nem era nascida.

Ah, isso foi antes da senhora nascer?

Ah, sim!

E depois o seu pai foi para Petrópolis?

Foi para Petrópolis. E como ele era amigo do Arrojado Lisboa, casou-se com uma Lisboa.

E o seu pai veio para o Rio por quê?

Porque o pai dele era do Rio, trabalhava com o Barão de Mauá. Ele se casou com uma uruguaia, porque o Barão o deixou tomando conta de um banco em Montevideú. O Barão de Mauá foi um dos grandes brasileiros, tirou o Brasil de uma situação bastante parecida com uma possessão estrangeira.

Seu pai então era um homem de ambições intelectuais?

Ah, sim, muito! Todos os irmãos dele estudaram na Europa, menos ele, que foi para Ouro Preto. Então iam para Coimbra, iam para a Inglaterra... No Brasil não tinha nada disso. Talvez essa Escola de Minas, em Ouro Preto, tenha sido uma das primeiras de grande saber no assunto, porque o Brasil era fonte de ouro, de diamantes...

E aí seu pai estimulava a senhora a ir a essas conferências, na Maison de France, no consulado da França?

Ah, sim! Depois, na família da minha mãe houve muito, pessoas que entraram para o Itamarati. Eram diplomatas. Então viajaram também. Minha mãe, antes de se casar, passou um ano inteiro na Europa com a minha avó e as irmãs dela, que não eram ricas. Passaram um ano. E quando ela se casou com o meu pai, meus avós maternos tomaram uma governanta inglesa para trazer a cultura européia para aquela família que morava em Petrópolis.

Então, na casa da mãe da senhora tinha uma governanta inglesa?

Inglesa. E depois, na nossa, nós tivemos uma governanta alemã, porque meu irmão mais velho quis ser médico e, naquele tempo, nós não tínhamos aqui livrarias, editoras e toda a parte da medicina tinha que ser lida praticamente em alemão. Então meu pai disse: “Nós vamos tomar uma governanta alemã.” Assim meu irmão mais velho aprendeu alemão e foi médico. Ele queria ser médico.

Dona Maria da Glória, se nós estamos entendendo bem, a senhora estudou em Petrópolis tanto em colégios como em casa. Uma parte da educação da senhora foi dada por essa governanta?

Não, essa inglesa eu não peguei.

E a alemã?

A alemã também não. Nós morávamos num sítio fora da cidade de Petrópolis, e minha mãe não queria que a gente ficasse internada no Sion e não queria todo o dia ir e voltar. Então ela tomou uma professora que vinha todos os dias nos ensinar. Interessante isso, não é?

É. Por isso, inclusive, a senhora veio para o Rio fazer as provas no Pedro II?

Exatamente.

O seu pai a estimulou a fazer essa Escola de Serviço Social?

Ah, não! Minha mãe é que era uma pessoa muito, vamos dizer, para frente. Ela foi uma das primeiras pessoas que guiou automóvel.

Ah! Progressista, não é?

Progressista. Um dia ela chegou em casa e disse para o marido: “Eu hoje cortei meu cabelo porque cabelo comprido é muito quente” [riso]. Eu sou do século passado, não é? Bem passado!

Mas, voltando para a escola...

Bom, passei na escola, aqui no Pedro II. Era de noite que se fazia isso. Era um regime em que você fazia em dois, três, quatro ou cinco anos. Você fazia tantas matérias quanto pudesse. Mas era de noite que nós íamos. Morávamos na Praia Vermelha e íamos de noite lá. Naquele tempo não tinha violência, não tinha nada. Eu tinha 16 anos e ia com uma colega da Praia Vermelha para o centro da cidade e voltava.

A senhora tinha aulas à noite. Depois fazia as provas por matéria, equiparava-se e podia então continuar os estudos.

Mas mesmo naquela ocasião, quem não tinha feito o Pedro II, como minha irmã, fazia um exame e equiparava-se a isso. Ela fez isso e entrou comigo para o Serviço Social.

E como era a prova para entrar para o curso de Serviço Social? Como foi o ingresso no na Escola de Serviço Social?

Ah, uma conversa com a diretora, uma conversa.

Era uma entrevista?

Era uma entrevista.

Perguntava-se o quê na entrevista?

Bom, nessa altura eu já falava francês, inglês, português, lia uma porção de coisas em casa. E, em casa, muitas vezes nosso brinquedo era ler e conversar com meu pai e minha mãe sobre aquilo que tínhamos lido.

E isso era muito importante para a Escola; era avaliado?

Era importante para a vida da minha família.

Não, estamos dizendo para a Escola. O fato da senhora ter leitura, saber línguas, isso tudo pesava muito?

Claro! Pesava muitíssimo, muitíssimo. Eu era de uma família que viajava muito, minha mãe falava inglês correntemente com as irmãs dela, porque tiveram uma educadora inglesa que só permitia português na hora em que os pais estivessem presentes. Não estando presentes, tinha que falar inglês [riso].

Como era o nome da sua irmã que entrou também para o Serviço Social?

Júlia Maria Lisboa Nin Ferreira. Ela também é assistente social.

Vocês duas entraram no mesmo ano?

No mesmo ano, na mesma sala.

Como era a sua turma? Quantas alunas? Que tipo de alunas?

Olha, não eram muitas. Aí eram geralmente de uma certa classe social; muita moça já trabalhava, por isso que começou à noite, não é? Trabalhavam nos IAPs todos¹. E em outros lugares também, para serem enfermeiras, enfim. E também contribuiu para isso o movimento da Igreja que se chamou Ação Católica, que se dividia pelas profissões e idades. Então tinha o grupo Juventude do Trabalho...

Juventude Operária Católica?

Não, Juventude Operária era para operários. Depois tinha a JIP, as independentes, as que trabalhavam. Depois tinham as JEC, os que estudavam, as JOC, os que trabalhavam, as JUC, os que estavam nas universidades. Então, essa gente toda era a mocidade daquele tempo. Vinha gente de todos os lados. Por exemplo, a nossa Escola era católica, foi trazida pelo Dom Leme.

A senhora tinha mencionado como sede do Instituto de Educação Familiar e de Serviço Social a casa do Alceu Amoroso Lima, na Rua Dona Mariana, em Botafogo. Mas antes essa Escola funcionou no centro da cidade?

Não, não! Tinha uma turma na cidade, para facilitar a entrada das pessoas que estavam trabalhando lá.

¹ IAPs são os Institutos de Aposentadorias e Pensões dos comerciários, industriários e outros.

Ah! Então ao mesmo tempo funcionava em dois lugares?

Em dois lugares.

Na cidade onde era?

Olha, eu não me lembro. Agora, logo que elas conseguiram um terreno aqui nessa rua... Meu Deus, como é? Aqui perto, uma rua qualquer... Então, o Alceu Amoroso Lima que além de ser um escritor, um intelectual, era um homem que não se repetiu no Brasil mais.

Uma rua aqui perto em Botafogo, mas não tem importância não.

Não, tem sim! Essa gente que tem cavalo, como é que é? Paula Machado!

Família Paula Machado.

Família não, principalmente a mulher, a senhora do Paula Machado, ela deu o edifício.

O dinheiro para fazer o edifício?

O edifício. E o terreno foi comprado talvez com a idéia de uma universidade católica. O Alceu Amoroso Lima é que achou esse negócio. Tanto é que hoje o terreno ainda é da PUC.

Esse terreno ainda é da PUC?

Ainda é da PUC. E não é mais nada. Tem as freiras lá... Porque, o terreno é da PUC, mas o edifício não. Agora, até nem freiras tem. Elas compraram um terreno em frente, fizeram seu convento lá e a parte do edifício é para jovens universitárias que estão sozinhas no Rio de Janeiro, sem família.

Ah, isso aqui na Lagoa?

Não é Lagoa, é Botafogo, Humaitá.

Dona Maria da Glória, a senhora tinha ouvido falar bem da Escola, gostou do curso?

Gostei do curso. Só os professores que nós tínhamos! O doutor Alceu Amoroso Lima foi nosso professor o tempo todo que eu estive lá, e outros que não me lembro agora. Doutor Amílcar também. Os assuntos eram de muita diversidade. Nós tínhamos, por exemplo, noções de medicina, noções de leis, noções de sociologia ... tudo. Quer dizer, nós tínhamos um leque muito grande. Saindo dali, você podia trabalhar, como eu, numa fábrica, ou num ministério ... Num hospital, numa creche...No campo. Tinha gente que saía para a parte agrária. Tive colegas, a Aylida também, que iam trabalhar no agrícola.

Nessa época em que a senhora estudou, tinha aula de manhã e de tarde? Como era o esquema das aulas?

Tinha de manhã e de tarde.

E era muitas alunas turma?

Não. Foi aumentando. Na primeira, quatro numa parte de educação e quatro na parte social... Nós éramos o quê? Talvez dez, quinze.

A turma da senhora tinha umas dez ou quinze?

Éramos dez ou quinze, não me lembro.

Eram só moças?

Só moças. Os homens não quiseram vir! Então eles criaram, mas muito mais tarde, uma turma só de homens que começou a funcionar quando a PUC já era na Gávea.

Bem mais tarde, portanto.

Vieram estudar conosco. A nossa passou para lá, então ficou uma só. Quer dizer, não ia ter universidade para homem e para mulher. Mas enquanto não era na PUC, os professores às vezes eram os mesmos... . Então, [riso] teve toda a evolução da própria sociedade. O homem se sentia diminuído por ir para um lugar e quem sabe uma moça tirar uma nota maior que a dele. Imagine!

Então, por isso, nesse período anterior os rapazes tinham uma turma em separado?

Em separado. Aliás, a idéia veio de São Paulo, porque em São Paulo já era separado.

A senhora mencionou também, nessa questão da formação da Escola, que um grupo importante que influenciou São Paulo foi o Serviço Social que veio da Bélgica. E no caso do Rio foi o Serviço Social que veio da França. Como era essa direção da Escola aqui, com as francesas no Instituto Social?

No Instituto Social nós tínhamos três francesas e uma italiana. Ela estudou, creio eu, na França, e veio para cá. Mas sempre com gente do local que também ensinava.

Professores brasileiros também?

Professores brasileiros. Por exemplo, o presidente disso, durante muito tempo, foi doutor Alceu Amoroso Lima. Em São Paulo não sei quem foi, mas também tinha.

A influência dessas francesas era muito grande?

Era muito grande. Elas eram muito inteligentes porque captaram que aqui era diferente da França. E naturalmente isso tudo porque o próprio corpo docente daqui era de gente de alto nível.

Sei. Mas a direção da Escola era de uma das francesas.

Uma das francesas. Agora, tinha uma diretoria que estava cheia de brasileiros.

Então a direção direta era mademoiselle Marsaud, mas havia toda uma diretoria colegiada, na verdade. E elas eram religiosas, não é isso?

Elas eram religiosas, mas não deviam se declarar como religiosas e não se vestiam como religiosas. Isso por causa da perseguição católica na França. Era um grupo que não se sabia que era de religiosas.

Tinha uma capela no Instituto, por exemplo?

Tinha uma capela no Instituto, tinha missa no domingo se nós quiséssemos ir. Mas ia gente protestante estudar lá, ia todo o mundo.

Quer dizer, não era obrigado ser de religião católica para frequentar o Instituto?

Não, não.

Havia alguma preferência na seleção dos alunos?

Não, não.

E vocês tinham aula de teologia? Tinham aula de religião?

Não, de religião não tínhamos não. De vez em quando ela trazia pessoas que falavam para as alunas etc, etc, e não precisava porque todas nós éramos da Ação Católica e éramos ativas. Eu, por exemplo, que era da Ação Católica, tinha que ir um domingo ao Méier, ver o grupo de lá; outra vez no Santo Cristo, que era um lugar que não era nem muito possível nós irmos, porque era na beirada do cais e a minha paróquia era na Urca.

A senhora era da Ação Católica?

Da Ação Católica.

E dirigente de alguns grupos?

De três centros.

E a senhora participava de alguma dessas Juventudes?

Não, nós tínhamos as que eram, por exemplo, diretoras. Nós tínhamos reuniões mensais e tinha um grupo que preparava o material que nós devíamos usar.

A senhora já tinha essa atividade na Ação Católica antes de entrar na Escola?

Não, não. Foi tudo concomitante.

Ah, então a senhora entrou na Escola e juntamente na ação Católica?

Naquele mesmo tempo. Nós já éramos católicas.

Foi nesse período que se iniciou essa militância na Ação Católica?

Sim, mas a Ação Católica não tinha nada que ver. Agora, naturalmente que mademoiselle achava muito bom que nós fôssemos da Ação Católica.

Quem a influenciou para entrar na Ação Católica? Como é que a senhora foi recrutada?

Ah, eu ainda estava em Petrópolis quando apareceu uma senhora que era da Ação Católica e que fez, enfim, conversas e conferências e tudo isso. Então nós entramos. Era uma família católica. Quando eu cheguei aqui no Rio, já era da Ação Católica.

Mas a senhora começou a militar mais depois que entrou para a Escola de Serviço Social, não é?

Porque aí eu tinha mais capacidade. Eu era propagandista, quer dizer, eu tinha que chegar, ir lá no Méier às seis e meia da manhã – eu saía de casa às cinco horas da manhã, na Urca. Podia-se fazer isso porque não tinha violência nenhuma nesta cidade. Eu ia sozinha. Tomava um bonde na Praia Vermelha até a Central e tomava um trem na Central até o Méier. Saía e ia para a igreja preparar as outras que queriam ser da Ação Católica.

Isso aos domingos?

Aos domingos.

Voltando ao seu curso na Escola, a senhora disse que gostou muito dos professores, que eram todos bons. Teve alguma disciplina que a senhora tenha gostado mais?

Não, não. Nós éramos preparadas para o que viesse.

[FINAL DA FITA 1-A]

A senhora entrou na Escola exatamente no período em que Getúlio Vargas estava no poder e deu o golpe que instaurou o período conhecido como Estado Novo, a Ditadura Vargasista.

Isso, quando começou, eu morava ainda em Petrópolis.

Certo. Mas a senhora se posicionou em relação a isso?

Não.

A senhora tinha simpatias por Getúlio Vargas?

Não, eu só olhava aquilo como... Teve um que foi assassinado, um que ia ser presidente, não?

Ah, isso antes, em 1930. O João Pessoa.

Criança não entrava nesse negócio, não é? Então nós sabíamos que São Paulo era contra o Getúlio, que as pessoas davam as alianças e os ouros todos para aquilo, não é? Em 1932, esse negócio. Mas nós descemos de Petrópolis em 1936. E o Instituto Social começou em 1937.

E a senhora já entrou logo a seguir. E a sua formatura, a senhora lembra como foi?

A formatura nossa foi uma sessão dentro da Escola, que nesse tempo não era nem na casa do Amoroso Lima nem onde existiu depois. Foi uma casa que não existe mais, na Rua Voluntários da Pátria. Eu tenho aí fotografias disso. Aí já tinha muita gente ali, a gente olhava e via o Corcovado. Por exemplo, em Petrópolis nós trabalhamos para a imagem do Corcovado. Ele é todo de pedrinhas, então se recebiam uns papéis, assim grandes para passar aquelas pedrinhas para colar. Isso nós fizemos.

Para a estátua.

Quer dizer, eu trabalhei para essa estátua. E vinham esses negócios, grandes, para nós enchermos aquilo, colar as pedrinhas.

Naquele tempo tinha o Congresso Eucarístico, não é?

Não tinha Congresso, não tinha não. Descemos de Petrópolis para ver o dia em que foi iluminada a imagem do Cristo Redentor pela Itália, não é? Nós ficamos porque tínhamos trabalhado para aquela estátua.

Então a formatura da senhora foi nessa casa lá na Voluntários da Pátria. E teve discurso?

Teve discurso de professor, do paraninfo, do aluno tal e qual.

Quem foi, a senhora?

Eu não me lembro.

Teve algum almoço de encerramento?

Almoço nós tínhamos a toda hora. Toda hora nós inventávamos almoço.

Dona Aylida nos contou que tinha uns almoços de final de ano...Era uma certa cerimônia...Às vezes vinham autoridades, ministros... Uma vez até o Capanema foi...

Havia tudo isso. Ministro ia, nós convidávamos. Tinha que se convidar para dar um pouco de dinheiro e para acertar, inclusive para ser reconhecido pelo governo.

Certo, para a Escola ser reconhecida. A Escola tinha prestígio nesse sentido?

Ah, tinha. Não tinha nada disso no Rio de Janeiro. Tanto é que depois começou a ter.

Não tinha nada disso como? Não tinha outros institutos semelhantes?

Não. Era o único.

Era a única escola do Rio de Janeiro que formava esse tipo de profissional.

Agora, gente que até nem tinha passado pela nossa, pessoas de boa vontade, lá no tal ministério abriram uma escola e aí foram abrindo as outras, assim. O Ministério do Trabalho, por exemplo. Porque era a primeira vez que se falava num trabalhador no Brasil, na nossa escola.

Falava-se como, dona Maria da Glória?

Falava-se dos direitos que eles tinham.

Mas isso se falava na Escola?

Na Escola. Eu, por exemplo, tinha que fazer uma tese final e fiz sobre o trabalho.

Como era a tese da senhora sobre o trabalho?

Eu nem me lembro, nem sei se eu ainda tenho guardada. Mas tinha um senhor chamado doutor Rubens Porto, que era muito amigo do Getúlio Vargas. Foi diretor da Imprensa Nacional, onde imprimiam o *Diário Oficial* e todos os livros dos ministérios, que foi chamado para ser um dos meus examinadores. Então, quando eu acabei de me defender – ele era muito católico também –, ele foi falar com mademoiselle Marsaud se eu não poderia trabalhar na Imprensa Nacional. E eu então fui uma das primeiras a trabalhar, ganhando bem. Tinha na Praça Mauá o edifício novo da Imprensa Nacional, então com todas as divisões que tinham, em cuja cobertura morava o diretor, doutor Rubens Porto. Tem umas divisões que imprimiam, outras que imprimiam livros, dividiam o que se precisava para ter um livro pronto, não é?

Qual era o seu trabalho na Imprensa Nacional?

Cuidar dos operários que trabalhavam naquilo.

A senhora foi ser assistente social na Imprensa Nacional? A senhora fazia o quê?

Fui ser assistente social. Eu disse: “Olha, nós temos que ter refeitórios porque eles voltam, vêm com as marmitas e sentam na beirada da calçada para comer. E isso um cachorro faz, mas uma pessoa humana não. Então vamos fazer uma coisa.” E aí, como iria funcionar essa coisa? Então nós estudamos. Uns preferiam trazer de casa e outros não tinham família. Então nós fizemos um refeitório dividido em dois. Era no mesmo lugar, mas aqui vinham os que tinham as suas marmitas, que entravam de manhã, entregavam no guichê, punham um número na latinha dele, davam um número a ele e a marmita ia para a geladeira para não ficar azeda. Na hora, era daqui para lá toda essa função de esquentar. Tantas horas e tal. E isso era uma coisa que andava magnificamente pelo doutor Rubens Porto. Era um tirano, entendeu [riso]? “Tem que ser daqui até aqui.” Então: “Essa coisa é às onze horas, essa aqui entra às onze e meia. A outra entra ao meio-dia.” Cada um tinha uma cor que ele sabia de quem era.

Cada grupo de trabalhadores entrava num horário?

Cada grupo de trabalho entrava num horário e também tinha uma cor da sua divisão, de onde ele trabalhava. Quando ele encontrava no corredor um de uniforme vermelho que era do lado de azul, dizia: “O que é que você está fazendo aqui” [riso]? Era assim, compreendeu?

E o outro lado do refeitório era a bandejinha.

O outro lado era bandejinha. Entrava, pegava a bandejinha.

Essa foi uma das coisas que a senhora inovou lá.

Foi. Depois, eles tinham problemas de família e nós tínhamos um serviço médico. Quem era chefe do serviço médico era o doutor Piquet Carneiro, que já morreu e que tinha sido professor meu na Escola. Bom, podia vir por ele ou tinha uma hora em que eu podia atender a qualquer pessoa. Daí vinha, dizia: “Ai, eu não tenho colégio para o meu filho e tal...” “Vou ver se tem.” Qualquer problema de família eles vinham.

Procuravam a senhora. E a senhora tinha uma sala?

Sim, tinha uma sala, tinha secretária, e depois eu pedi uma auxiliar para a biblioteca. Porque o que eles faziam no intervalo? Política, muita mulher, falavam, falavam de mulher, falavam de política [riso], então ele disse: “Eles precisam ter uma coisa diferente.” E eu abri uma biblioteca para eles. O doutor Rubens disse: “Vão roubar.” Eu digo: “Não vão. Então o senhor não quer dar dinheiro?” Muito bem, eu fui para as editoras e disse: “Eu trabalho lá na Imprensa Nacional, o senhor não quer dar uns livros?” E foram dando. Então o doutor Rubens não teve que gastar um tostão e nós fizemos. Aí eu chamei a bibliotecária do governo federal, que tinha uma biblioteca e eu a conhecia de lá. Disse: “Você não quer ir lá me mostrar como é que eu devo montar?” Ela chegou e disse tudo: “É isso, aquilo.”

Orientou a montagem da biblioteca da Imprensa Nacional.

Orientou a montagem. Ah, o controle do negócio e tudo. Então assim fizemos. Eu vi também que eles tinham que saber que aquilo era deles. Então eu disse: “Esses livros são seus. Você gostaria de ler um livro rasgado?” “Não.” “Você gostaria de ter um livro todo enebado assim?” “Não.” “Então nós vamos primeiro encadernar esses livros todos.” O doutor Rubens não sabia que quando eu mandava coisas para encadernar, eles faziam primeiro os nossos e não os do governo. Isso eu nunca disse a ninguém.

Havia uma certa preferência, digamos assim.

Claro, claro! Eu deixava... Então eu mandava vinte livros, num instante estavam encadernados, e os do governo não estavam, não é? E vinha aquilo tudo, porque eu queria arrumar. Depois eu disse: “Agora, que cor vocês querem?” Então isso é o Serviço Social que diz: “Você não faz para, você faz com.”

E deu certo, a biblioteca?

Claro, vou lhes contar! Com as pessoas. Eu disse: “A biblioteca é de vocês, então vocês vão escolher a cor da capa.” Era vinho, ficou vinho. “Vá lá, vinho.” Depois eu disse: “O que vocês fazem com suas crianças quando chegam em casa?” “Nada.” Eu digo: “E se vocês

tivessem livros de criança, não seria bom?” “Seria.” “Então, pronto.” Aí eu fui nas editoras, livros de criança. E eles podiam tirar por um mês, porque eles não têm tempo para ler, isso o Serviço Social aprende também. Eu não posso pôr neles as regras que eu tinha na minha casa. Eles trabalham, não têm tempo de ler. “Um mês você tem um livro e para as crianças também. Você pode tirar três livros de criança e um livro de adulto. Agora eu quero saber se vocês vão ler esses livros de criança. Vocês depois têm que me dizer que história leram.” Bom, e depois eu disse: “Vamos também fazer capas de papel pardo para vocês não lambuzarem essa encadernação.” Então, na hora do intervalo deles: “Não tem capa para cortar?” Eu digo: “Tem.” Então em vez dele ficar na rua, comer e ir para a rua, ele vinha cortar papel pardo, as capas, uma por uma. Nunca veio um livro ensebado! E eu tinha assistentes sociais para atendê-los também, compreendeu? Conversar com eles e tal... Eu entrei para lá em 1941, saí em 1944, portanto foram três anos. *Um* livro sumiu, que foi roubado num trem. Todos eles devolveram os livros. Um foi roubado. Eles levavam, não rasgavam os livros da criança. Então é gente educada. “Olha, não deixa seu filho rasgar. Você gostaria que seu filho recebesse um negócio assim?” Toda essa educação você faz *com* a pessoa, não impondo, mas dizendo: “Você gostaria que seu filho...”

A senhora tinha conversas individuais com os trabalhadores?

Ah, sim! Tinha horário de atendimento.

Quer dizer, era um trabalho um pouco de psicólogo, é isso?

É. Por isso que a gente aprendia psicologia na Escola. Então assim foi. Depois, para as mulheres, eu disse: “Doutor Rubens, mulher é diferente. Eu vou fazer uma sala grande para as mulheres. Mas aí eu quero cortina cor-de-rosa, eu quero cadeira de vime, [riso] eu quero isso, aquilo, aquilo outro.” E fiz uma sala enorme em que na hora que elas acabavam de comer, vinham ali, sentavam, falavam umas das outras, etc e tal, levavam crochê, trabalhos de mão... E depois eu inventei uma cozinha de sobremesas. Porque comida, não dava tempo de aprender um prato de sal num intervalo. Mas um sorvete dava. Então, olha, eu fiz o máximo, americano [riso]. Uma cozinha só para as mulheres de lá. E tinha uma que era cozinheira, não é, a Maria, que ensinava. Elas gostavam muito. E elas faziam, às vezes elas comiam, às vezes levavam para casa.

E era um número razoável de trabalhadores?

Olha, eram dois mil operários, entre homens e mulheres.

E a senhora trabalhou três anos então na Imprensa Nacional. Foi o seu primeiro trabalho?

Foi o meu primeiro trabalho, sem contar a Ação Católica. Quer dizer, eu tinha já uma certa habilidade com gente de outra classe social, tudo isso.

Estamos no referindo a trabalho remunerado.

Remunerado, foi o primeiro.

E a senhora morava onde, nessa época? Com sua família?

Na Praia Vermelha, com a minha família.

O trabalho era bem remunerado?

Olha, naquele tempo eu ganhava – nem sei mais qual era a coisa – mil, as outras ganhavam seiscentos, setecentos, oitocentos.

E esse dinheiro, a senhora, que na época morava com os pais, era solteira, considerava uma boa remuneração?

Face às outras, sim.

Mas dava para fazer coisas que a senhora gostava com o dinheiro do seu trabalho?

- Primeiro, sim. Eu não punha nenhum dinheiro ali porque era o absurdo, você era do governo, funcionário do governo, querer que pusesse dinheiro ali. Eu era paga para fazer tudo isso que eles não sabiam fazer. Eu não ia colocar meu dinheiro: por exemplo, os banheiros...

Não, estamos perguntando o que a senhora comprava com seu dinheiro...

Eu ajudava a minha família.

Isso é que nós queríamos saber. Ajudava a sua família.

Ajudava a minha família. Agora, vamos dizer, a minha formação católica entrou nisso. Porque nós tínhamos aquela coisa de que o povo era igual a nós. Ele está colocado errado no mundo. Não devia ser.

Mas que história de banheiro é essa que a senhora ia falar?

O banheiro, é o da PUC! Eu não sei o que tem banheiro para se sujar banheiro! Porque os alunos é que usam, não é? Então, por exemplo, eu tinha na PUC... sessenta, no começo era sessenta alunos na sala de aula; porque eram poucos professores. Depois houve, até graças Deus, uma lei que estabelecia, no *máximo*, máximo, trinta e cinco. Agora, um dia eu estava lá na PUC, que é toda limpinha, e veio uma das faxineiras e disse assim: “Olha, a senhora sabe uma coisa? [O banheiro] das meninas é mais sujo que o dos rapazes”. Eu digo: “É?” Eu não entrava no banheiro delas eu entrei! Nomes feios, tudo rasgado, riscado, não sei o quê... No das meninas, *na PUC*, na PUC. No dos rapazes eles entupiam os vasos, mas completamente. Eles mesmos. Isso gente rica, porque a PUC é paga. Você vê, o brasileiro *até hoje* não tem noção de certas coisas que ele tem que ter. Então eu disse: “Olha, com as meninas eu vou ver.” Mas cheguei na sala de aula e disse: “Vou falar agora para meninas e para meninos, para rapazes e para moças. Eu quero saber uma coisa: se esses banheiros estão como eu vi hoje, eu tive uma solução, uma [idéia]; é porque na casa de vocês é assim. É ou não é? Por que é que vocês fazem aqui? Vocês não foram educados para fazer de outra maneira! Eu não vou mostrar o banheiro de professores, não posso mostrar. Mas é como se tivesse saindo uma pessoa que limpou aquilo e a gente vai lá e usa. Então, ou vocês, me desculpem, não tiveram educação ou vocês *não* querem por si mesmos ter para vocês uma coisa limpa.” É ou não é?

Aí melhorou.

Aí melhorou. Depois vinham com esse negócio... não sei o quê. Eu dizia: “Olha aqui, vocês acham que a sociedade em que eu vivi, a do meu tempo [está errada?] Vocês acham que a nossa idade está errada? Eu estou muito chocada hoje por *duas* coisas que eu vi. Uma, na semana passada e outra hoje. O quê? Furar a fila no bar. Muitos alunos passam na minha frente. Porque eu fico com o meu dinheiro para no intervalo de uma aula tomar o café. Vocês não, vão para o colega e dão o dinheiro para ele. Então, eu que ia ser a quarta passo a ser a vigésima quarta, porque vocês dão dinheiro a seus companheiros para comprar o que vocês comem. Vocês acham isso justo? Eu também quero descansar. Então vocês não venham falar de minha categoria, de classe social não, tá? Está sabido.” Minha vida era assim: Eu entrava às sete e meia na sala de aula. Saía quinze para meio-dia. Pegava meu carro. Tinha que sair da PUC e vinha aquele pessoal que tinha tido [aula], não é? Ao mesmo tempo, vinham os empregados que estavam construindo os edifícios da PUC; eles vinham do refeitório que tinham lá, enorme, e que ainda existe. E eles tinham que parar porque os “filhinhos de papai” ficavam um atrás do outro, e não deixavam eles passarem. Eu dizia: “Vocês acham que nós fizemos isso... Porque lá todo mundo era comunista, não é? Todo mundo era... E eu não sabia bastante de Marx e não sei o que... [Mas bem] que vocês poderiam dar uma paradinha para um grupo de dez empregados passar para onde estão trabalhando para construir edifícios, que os filhos deles não vão usar. Então você vem falar de Marx comigo? O que é que há? Vocês é que não sabem de Marx.”

Muito bem. Agora voltando à sua trajetória profissional... Então, por três anos a senhora ficou trabalhando na Imprensa Nacional...

Bom, na Imprensa Nacional.

Em 1944 a senhora foi para onde?

Aí eu tive uma amiga que estava estudando nos Estados Unidos. Porque o Serviço Social surgiu no Rio de Janeiro, e esse que ainda existe, e os Estados Unidos sempre quiseram ensinar todo o mundo – até hoje, não é? Dominar todo o mundo etc. E essa guerra lá, porque eles querem dominar aquilo e tal. Então tinha o Ponto Quatro, que o Kennedy fez, que dava possibilidade à embaixada aqui do Brasil contratar professores que viessem aqui para PUC, para o Instituto Social e etc e tal. Vinha gente de lá. Então, como as nossas universidades ainda não estavam desenvolvidas, no Rio de Janeiro só tinha a PUC e a Federal, tinha aberto a UERJ naquela época mais ou menos, a UFF de Niterói também foi feita depois, muita gente ia estudar nos Estados Unidos². Eu fui uma vez, uma amiga minha foi uma vez, ficou um ano nos Estados Unidos estudando Serviço Social. Foi quando a guerra ia acabar, em 1943. Quarenta e quatro, a Liga das Nações virou ONU, em Nova York, porque tinha a guerra na Europa. A outra era na Suíça.

Mas para fazer uma entidade internacional, foi feita nos Estados Unidos, em Nova York. Então foi em 1943. Em 1944 acabou a Guerra. Primeiro caiu a França, continuou no Japão, mas eles já sabiam que o Japão ia cair. E o nazismo tinha deslocado nove milhões de pessoas à força, para a Alemanha, para trabalho obrigatório ou para extermínio se fossem judeus, não é? Então lá em Nova York, a ONU disse que o mundo todo teria que ajudar a Europa a sair dessa situação da guerra. E essa minha colega que estava lá, acabou de estudar, veio para cá e disse: “Olha, sabe de uma coisa? Eles vão pegar gente de todos os países. Vamos nos candidatar.” Eu tinha saído justamente da Imprensa Nacional... Bom,

² A entrevistada avança no tempo, para o governo do presidente Kennedy, para, em seguida, recuar ao momento de constituição da Organização das Nações Unidas (ONU).

então chegou um momento que eu já estava cansada da Imprensa Nacional e disse: “Eu vou sair.” E fiz um concurso para a Prefeitura, tirei o segundo lugar.

A senhora fez um concurso para a prefeitura do Distrito Federal?

Não, eu fiz para o estado do Rio de Janeiro. Eu não queria sair daqui. Bom, e nisso veio ela de lá e disse: “Olha, nós podemos ir para a Europa.” “Então vamos.” Aí é que eu não me lembro, mas vou ver se consigo...Era um que era do Getúlio, era tudo do Getúlio. Ele era o número um da parte administrativa do governo brasileiro. Aí brasileiro *do* Brasil, não do estado do Rio. Era para selecionar pessoas que fossem para a Europa. E nós entramos com os papéis.

A senhora tinha feito o concurso para a prefeitura e se candidatou...Era uma espécie de bolsa do governo brasileiro para ir para a Europa?

Não, não. Era para trabalhar mesmo.

Para trabalhar mesmo. Não era uma bolsa de estudos.

Eu tinha que apresentar o meu passado, o que eu tinha feito, tinha entrevistas para saber... Eu tinha que falar e escrever correntemente o francês e o inglês. Não era muita gente que tinha isso. Depois, eu tinha Serviço Social, que era do que eles iam precisar lá. Então nós fomos falar com esse senhor, que é importante porque ele fez muita coisa.

Aí a senhora fez esses testes e foi aprovada?

Fiz esses testes e fui aprovada. Aí, pronto.

E quando é que a senhora foi para a Europa?

Eu fui para a Europa um mês depois que o Japão... *antes* disso, um mês... A guerra acabou no dia 8 de maio de 1945. E eu embarquei como soldado no dia 6 de junho, menos de um mês.

E a senhora ia para qual país da Europa?

Bom, nós fomos primeiro para o norte da África, por isso eu conheci Marrocos. Em aeroplano de soldados, fomos até Natal. Em Natal, tomamos os aviões americanos que levavam os soldados dos Estados Unidos para a Europa. Então, quando tinha lugar, a gente entrava, e paramos na Argélia. Na Argélia já tinha muito soldado americano indo para a Europa, para ocupar a Europa, que tinha perdido a guerra, e para o Japão. Então nós ficamos uma semana no norte da África, na Argélia. E no dia 6 de junho, nós fomos, estava aquela confusão toda e nós telefonamos para a recepção do hotel e disse: “Que é isso? Não se pode dormir hoje?” E a moça disse: “Não, porque o Japão caiu com uma bomba atômica, em Hiroshima.”

[FINAL DA FITA 1-B]

A senhora estava na Argélia no dia...

...No dia que caiu a bomba em Hiroshima.

Quando a senhora fala “nós”, a senhora foi com a sua amiga?

Eu fui com uma amiga minha, não aquela. Aquela foi para a Áustria e eu fui para a Alemanha.

E dessa amiga, a senhora lembra o nome dela?

Balbina Ottoni Vieira, mas já morreu.

Vocês já saíram do Brasil sabendo que iam para a Alemanha?

Não. Não sabíamos para onde iríamos.

Vocês iam se apresentar onde?

Bom, chegamos à Paris, nos apresentamos na ONU e nos disseram: “Vocês vão ficar uma semana aqui em Paris, depois vão fazer um treinamento em Londres e lá vão saber para onde irão.” Então foi assim. Ficamos em Paris uma semana, embarcamos para Londres. Aí nós tivemos que vestir – como é que se diz? – as roupas de militares... Uniformes. Teríamos que ter, eu e essa minha amiga, o uniforme americano porque depois da guerra eles dividiram a Alemanha em quatro partes: alemães-russos, americanos-russos, franceses e ingleses. Nós íamos com os americanos.

Ia para a parte ocupada pelos americanos?

Pelos americanos. E deveríamos ter roupas... Mas não tinha. Então pusemos o dos ingleses. Bom, aí voltamos para a França para saber ainda alguma coisa, palestras e isso e aquilo e aquilo outro, etc., etc., o que íamos fazer, o que eles já tinham feito e tal. Aí chegaram nossos uniformes e fomos de caminhão da França para a Alemanha.

A senhora chega à Paris no momento em que a Segunda Guerra Mundial tinha definitivamente acabado.

Só tinha militar na rua, praticamente.

Alguma sensação da cidade, clima, contentamento da população, alívio...

Não, eles estavam muito sofridos, muito sofridos. Eles tinham fome, porque os alemães tiraram tudo. A Alemanha também estava com fome. Então havia uma transação, trocas de coisas por comida...

Uma situação extremamente difícil...

Difícil para os franceses.

Era uma cidade portanto que...

Não foi bombardeada, aí ela estava inteira.

Sim, mas o clima na cidade era de tristeza e de sofrimento.

Era de alegria por estarem livres, mas eles ainda tinham o problema do próprio governo francês e tinha a fome.

Sim. Mas a senhora mencionou que iam para Londres receber um treinamento. Como é que foi esse treinamento? O que era?

Esse treinamento, eles nos colocaram em casas particulares, homens de um lado, mulheres do outro, e nós nos reuníamos e eles contavam o que tinha acontecido na Alemanha, Como é que estava a Alemanha naquele momento e quais seriam as nossas atribuições.

Dona Maria da Glória, eles contavam sobre os campos de concentração?

Todos, todos, tudo, tudo, tudo!

A senhora já sabia disso quando saiu do Brasil?

Não, aqui não. Aqui nós sabíamos, mas quando você vê o que eu vi, o que nós vimos, era muito pior, mil vezes pior do que nós sabíamos.

Já em Londres mostravam, por exemplo...

Não, não! Não tinha foto. Fotografia não existia na Europa. Falavam. Tudo era falado.

Os ingleses mesmo falavam?

Ingleses não, americanos. Nós íamos para a zona americana. Tanto é que nós saímos do Brasil como tenentes e quando voltei, oito anos depois, eu era major [risos]. Era militar mesmo.

Era uma ascensão grande inclusive também, não?

E militar.

A senhora passou oito anos na Alemanha?

Oito anos na Alemanha.

Então vamos chegar à Alemanha. A senhora teve esse treinamento em Londres que, pelo que estamos percebendo, tinha o importante objetivo de preparar psicologicamente as pessoas para o que elas iam encontrar.

Ah, lógico. Por exemplo, não tinha horário, você podia trabalhar de noite ou de manhã, depois eu vou dizer por quê. Não tinha comida às vezes, nós tínhamos que comer a comida do exército americano, que é uma pílula que vira sopa, não sei o que vira aquilo, para nós

sabermos como é. E as roupas todas que nós tínhamos, não podíamos levar porque tínhamos que usar as roupas que eles usavam durante a guerra, que eram todas de... – como é que eu vou dizer? –da cor da roupa dos militares, inclusive roupa interna também. A gente recebia aquilo tudo. E tinha entrado numas coisas de tinta [riso] e saiam de lá igual. E principalmente a confusão que existia na Alemanha, com 9 milhões de pessoas deslocadas, separadas das suas famílias, às vezes doentes, tuberculosos. Nós tomamos todas as vacinas, aqui algumas das vacinas tropicais, lá as que eles achavam que precisávamos, tudo isso, como iríamos viver e qual era o tipo de vida que nós íamos ter. As cidades todas derrubadas. Nós iríamos andar sempre de jipe. Quem não pudesse, soubesse dirigir, fazia um exame e eles davam. Eu tenho a minha carteira até hoje.

A senhora sabia dirigir?

Sabia. Então esse negócio todo nos foi explicado, qual era o fim disso tudo, a idéia disso tudo. Então iam vendo também se andávamos na linha, não é?

A senhora ficou assustada?

Não, achei aquilo ótimo.

É mesmo?

É. Era assim: “Nós vamos fazer uma coisa boa para os outros.” Compreendeu?

Desafiadora.

Quer dizer, eu acho que teve muita gente aventureira, para ganhar dinheiro. Mas nós éramos uma Escola [riso] de Serviço Social, uma profissão que é para *dar* para os outros. Então para nós era o máximo, uma chance!

Isso foi discutido? Essa ida da senhora foi discutida com alguém da Escola de Serviço Social?

Não.

Foi uma opção individual?

Individual. Ela me telefonou e tal e fomos: eu, Balbina, Marília, que morreu outro dia... Várias. Que eu conhecesse, umas seis ou sete, umas três de São Paulo...

Seis ou sete pessoas da área de Serviço Social foram então, nessa época?

Nessa época.

E na Alemanha, a senhora primeiro foi para qual cidade da Alemanha? Como é que foi?

Então, nós estávamos lá e um dia: “Amanhã vocês vão para a Alemanha.”

Aí pegaram o caminhão, como a senhora falou, em Paris...

Não, fomos de avião para o norte da França; aí nós trocamos os uniformes, todos nós vestidos de mecânicos. A roupa tinha um bolso onde você guardava a comida, que era tudo em pacotinho assim. Entrava-se num caminhão aberto atrás, em que você trepava, entrava lá dentro e estrada. Quando queria fazer pipi, o homem parava: “Vamos apanhar violetas.” [Riso] A gente já sabia que apanhar violetas era descer e fazer pipi. Isso é a guerra, entenderam?! Ninguém ia não! Aí ele chegou e disse – tinha mulher e homem lá: “Quando eu disser que é para apanhar flores, é homem para um lado, mulher para o outro e pronto” [riso].

E a senhora chegou à Alemanha, primeiro onde?

Nós fomos ... Não me lembro agora.

Mas enfim, a senhora foi para várias cidades da Alemanha?

Várias cidades.

Era um rodízio?

“Amanhã, mochila nas costas que a senhora está transferida para lá.”

E aí, vocês moravam onde?

Bom, chegando à Alemanha nós ficamos em centros, quer dizer, você sabe que a Alemanha era um país muito militarizado. Então, eles tinham muitas casernas e não tinham mais exército, acabaram. Essas casernas vieram ser nossas vivendas. Nós fomos mandadas para casernas que estavam vazias. E ali nós começamos a saber muita coisa, perceber... Você vai para onde tem que ir. E todas nós nos dispersamos. Eu, por sorte fui para um acampamento em que tinha um brasileiro, um homem que não era médico nem nada. Os Estados Unidos iam mandar tudo, comida, tudo para a região dele, que eles estavam ocupando. E nós tínhamos acampamentos que eram essas casernas, não é? Era preciso controlar tudo isso, como o americano faz. Entrou sacos aqui de tanto, tanto, tanto. Ele fazia isso. Ele fazia o controle...

Esse brasileiro fazia o controle?

Esse brasileiro, da parte de *food*, quer dizer, da alimentação.

Isso, no exército normalmente se chama um trabalho de intendência.

Intendência, pois é. Mas lá não era assim. Tinha um outro...

Quem cuida do abastecimento?

Abastecimento. Tinha uns no transporte, outros no abastecimento, no Serviço Social, as secretárias. Tinha uma paulista que era secretária.

E a senhora começou a fazer que tipo de trabalho?

Olha, chegando lá nós fomos primeiro saber onde íamos trabalhar. Eu fui para a cidade de Kassel, na Alemanha, mais para o norte, com esse brasileiro. No começo nós fazíamos o seguinte: esperávamos pelos caminhões, porque era um acampamento de soldados americanos, no portão. Nós tínhamos casas perto ou dentro daquela coisa. Daquele espaço, dos displaced persons, quer dizer, deslocados, como eles diziam. Então chegavam, por exemplo, à uma hora da manhã. Acordava todo o mundo, íamos descer essa gente. Descia essa gente, nove caminhões, dez caminhões o que fosse. Tinha que descer aquilo tudo. Então, mulher para um lado com criança, homem para o outro. Imediatamente. E isso geralmente eram os europeus. Fazia-se comida porque eles estavam famintos. Sopa, então se dava sopa, e cama.

Então a senhora trabalhava nesse atendimento direto?

Direto. Agora, aí entravam os intérpretes. Porque junto vinha polonês, ucraniano, não sei o quê. Você podia falar inglês ou francês, mas eles não entendiam. Italiano. Então nós tínhamos um corpo de tradutores, que eram geralmente europeus, como também daquele lado da Rússia, Ucrânia, tudo isso. Tinha que encaminhar tudo isso, alguns estavam doentes, iam para o hospital, porque nós tínhamos um hospital. Compreenderam? Para dormirem, para sentarem.

Gente muito fraca,

Muito fraca. Saúde debilitada. Trapos, trapos humanos.

Eles vinham dos campos de concentração?

Alguns, sim. Outros trabalharam no campo e outros nos campos de recuperação. Bom, aí entrava aquela gente toda e, no dia seguinte, nós víamos se precisavam de roupa: nós tínhamos que dar roupa. Quem estava doente era examinado pelos médicos – muitos médicos sul-americanos. Engraçado, muitos brasileiros e sul-americanos. Então, também tinham que falar inglês, francês, para cuidar daquela gente toda. E aí você via o que tinha sido, por exemplo, a vida deles. Nós tínhamos o que chamávamos de *team*, uma equipe. Tinha um diretor, um secretário para ele, um médico, um enfermeiro ou dois, conforme o tamanho da coisa, um ou mais de um assistente social. Tinha o que tomava conta da comida, outro do transporte, tudo isso. E tinha a polícia de campo.

Logo que eu entrei em Kassel, fui para o hospital. Aquela gente toda ali doente, tuberculosa, isso e aquilo. Os médicos iam dizendo: “É tuberculoso, então não pode ficar junto com os outros. Muda para outro negócio.” Horrível! E certas coisas que tinha que ser mesmo assistente social, você sabe? Entrava comida de manhã, o café da manhã, entrava o almoço, entrava um lanche de tarde, entrava o jantar e uma ceiazinha depois. Sabem que eles escondiam tudo! Eu dizia: “Não é possível!” Eles escondiam a comida que não tinham comido embaixo do colchão.

Eles escondiam a comida?!

Embaixo do colchão. Aí vinha o pessoal local, que estava bem, por exemplo, que tinha chegado antes, que eram as enfermeiras – tinha enfermeiras – eu peguei por exemplo uma médica belga, mas tinha as enfermeiras, e aí entrava o Serviço Social. “Não, não vamos reclamar, não. Eles não estão preparados para saber que não vai mais faltar comida. Não podemos fazer isso. Eles vão perder a confiança em nós. Deixa a comida aí embaixo.” A

gente entrava, era um fedor, uma coisa! Então, um belo dia eu disse: “Bom, hoje nós vamos conversar. Me diga uma coisa, você está gostando daqui?” Ninguém na guerra tinha perguntado isso, se gostou. “Tem alguma coisa que você não gosta?” Ela disse: “Não, está tudo bem.” Eu digo: “Então por que vocês põem comida aí embaixo?” Ela disse: “Ah, porque pode faltar.” Eu digo: “Mas não vai. Algum dia faltou o café da manhã?” “Não.” “O almoço?” “Não.” “O chazinho da tarde?” “Não.” “De noite?” “Não.” “O jantar, de noite, não veio sempre? Então vai ser sempre assim. Acabou a guerra. Vamos tirar essa sujeira toda daí debaixo? Amanhã a gente tira, não é?” “Tira.” Você tinha que dar quinze dias para eles confiarem na gente, que não iam ficar sem comida.

A senhora falou que conversava.

Ah, com intérprete!

Essa conversa era uma operação, não era?

Era uma operação.

Um monte de idiomas, nisso estamos pensando. Quer dizer, cada conversa era uma operação.

Agora, às vezes você encontrava um que sabia francês, o inglês, e aí falava diretamente com ele.

E a senhora falava alemão?

Não, nenhum alemão. O alemão não entrava ali, que eles tinham horror dos alemães.

Se fosse falar alemão eles podiam ter medo.

Mesmo que eu soubesse, não podia falar.

Queríamos perguntar isso. Alemão não podia, não é?

Não podia. Respeito a isso, não é? Agora, aí tirava aquilo tudo, ficava tudo bonitinho... Quando saiu aquela sujeira toda de comida, “vamos fazer uma festa aqui agora?” “Vamos.” “Então, vamos fazer uma festa” [riso]. Isso, naturalmente não tinha ninguém morrendo, porque quem estava morrendo estava em outro negócio, nem estava ligando com comida nem nada. Bom, então foi essa época deles acreditarem na UNRRA, não é, na UNRRA, que era a entidade dentro da ONU que fazia esse serviço, United Nations Rehabilitation and Relief Administration.

E a senhora recebia um salário por isso? Como era a sua sobrevivência?

A minha sobrevivência era o seguinte: eles davam casa, transporte e o ordenado. A comida nós é que tínhamos que...

A senhora recebia um salário?

Um salário.

Que a senhora guardou, gastou...

Não, aí era em dólares. A zona americana, tinha bancos, tinha os shoppings... A nossa sorte, para mim, foi estar na zona americana, porque quem estava na zona inglesa e... eles estavam pobres, os ingleses, os franceses. O russo, não.

Os russos nem pensar, não é?

Nem pensar. E nós estávamos lá. Então nos shoppings tinha desde automóvel até cigarro. Então você entrava lá e comia.

E essa moradia? Vocês moravam no acampamento?

Isso é a guerra. Eles chegavam numa rua e diziam para os alemães: “Uma semana para evacuar todas essas casas.” Coitados, eles tinham que sair. Então fazia uma casa para um, para o moços embaixo, em cima para moças, outra para homem... Agora era terminantemente proibido falar em religião e política. Porque tinha raças de todo o mundo, religiões de todo o mundo. Isso era proibido.

E como a senhora ficou oito anos, quer dizer, então esse foi o pós-guerra...

Bom, então aí fiquei em Maternberg, em Kassel. Quatro, quatro mil pessoas! Um dia eu estava andando e uma pessoa me disse assim: “Bom dia!” Eu digo: “Quem é você?” Ele era um catarinense que tinha ido lá para a Alemanha visitar a família e ‘caft’[riso]. Ele queria vir para o Brasil.

Foi agarrado para trabalhar nesse serviço?

Nesse, não. Ele era... Eu tinha que trabalhar para ele. Então eu disse: “Ah, você é brasileiro?” “Sim, ‘senhorra.’” Eu disse: “Está bom, então vamos ver como você vai para o Brasil. Porque você não pode estar aqui. Você não é europeu, não tem guerra nenhuma. Você tem que sair daqui, não é?”

Mas ele era prisioneiro de guerra?

Não.

Ele devia ser descendente de alemão no Brasil...

Foi visitar a família e ficou por lá. Agora, como é que o Hitler fazia, ele entrava numa cidade e dizia assim: “Aqui pega essa rua toda. Pronto. Vá para tal lugar.” Se as crianças estavam na escola, se o marido estava no trabalho não interessava! Então a primeira coisa foi fazer que eles não morressem e que acreditassem na entidade; que isso [a guerra] tinha acabado. Depois, veio a segunda fase, que era reunir as famílias. Então, nos campos tinha os muros; eles construíram os muros e ali você punha as listas de todos os outros campos que tinha na Alemanha. Ali tinha ucranianos, poloneses, russos, o que fosse. Então você ia lá ver se por acaso a sua filha não estava ali, o seu marido não estava lá.

Certo. Pegava a lista de sobreviventes e tentava com isso recompor a família?

A família. Aí começou: “Esse vai ser polonês. Quem não é polonês, vai indo para os outros [locais de atendimento].” Foi um trança-trança. “Os poloneses que estão nos outros [locais de atendimento], vêm para cá.” Era por nacionalidade.

Aí nós passamos para um outro tipo de trabalho. Eles eram uma entidade, uma nacionalidade que tinha a sua cultura, essa cultura envolvia também o comando de uma entidade. Uma cidade polonesa era administrada diferentemente de uma letã, de uma russa, para começar a poder lidar com a sua própria cultura. Não só para nós podermos trabalhar, porque não sabíamos quanto tempo ia durar. Escolas para as crianças, para aquela língua. Nós tínhamos que fazer aquelas pessoas voltarem ao normal. Isso era basicamente o que devia ser feito. Eles tinham sofrido quatro anos num campo de concentração. Realizavam trabalhos forçados, obrigados a mudar de nome, a falar uma língua que não era a deles. Isso nós tínhamos que retornar. Então a escola, o clube, o grupo de *scouts*, de escoteiros... Outros, os artistas, os intelectuais. Então, eles já tinham a mesma língua, o mesmo passado e viviam como se fosse uma cidadezinha pequena. E tinham a religião também. Aí a gente podia juntar todos. Mas isso levou mais ou menos dois anos, esse trança-trança. Então eu trabalhei primeiro com essa gente, recuperar basicamente... Fisicamente mesmo.

Depois culturalmente, por que eles precisavam disso e parece que isso [riso] já era o meu futuro. Eu estava em Kassel, mudei para Hunkers, que era uma fábrica, ex-fábrica de aeroplanos alemães. Era uma fábrica, como tem Varig. Fábrica de aviões. Bom, aí nós conseguimos uma universidade, tempos depois. Eles tinham muitos professores, todos vindo de Riga, que era a capital, e então nós abrimos uma universidade nesse campo – menos medicina, que não tínhamos um hospital que eles pudessem praticar. Tinha o hospital, mas não podia ser uma escola.

Nós, por exemplo, recebíamos comida de fora, roupas de fora. E dividíamos assim: comissão disso, comissão daquilo. Como se fosse uma cidade, compreendeu? Para ocupar. Então, por exemplo, as roupas eram com as mulheres. Vinham aquelas roupas todas, casávamos os sapatos e tal. Eu me lembro que minha mãe não admitia que nós déssemos uma roupa rota ou sem botão. “Você quer dar, mude os botões. Quer guardar os botões, mude os botões. É gente que vai receber isso.”

Mas então, como se recuperava uma pessoa? Eu me lembro que em Hunker tinha muita roupa, então chegavam aquelas roupas todas e uma mulher disse assim: “Ih, tem dois vestidos iguais.” Eu dizia: “Então, o que vamos fazer? Vamos fazer um vestido para você, grande. Vamos fazer de você costureira, dos dois você faz um grande para você. Agora, segredo. Quando é que seu marido faz anos?” “Tal dia.” “Então você esconde. Nesse dia você vai pôr o vestido novo, que ele não conhece.” Isso é que era reabilitação.

Essas pessoas com as quais a senhora trabalhou diretamente eram de que nacionalidade?

Olha, estou lhes dizendo, primeiro tudo. Tudo. Depois, o primeiro foi da Letônia, eles eram mais instruídos que os outros, na Europa também. A Europa eslava é diferente desses, que esses foram muitas vezes invadidos pelos alemães. Eles eram praticamente ocidentais, não eram orientais. Então isso era diferente. Depois, para você ver o que é, nesse de letões tinham 79 turcos que tinham sido levados da Turquia. “Que é que eu vou fazer com esses turcos?” Então, chegou uma hora em que os turcos iam ficar nos Alpes, que é uma coisa deslumbrante na Alemanha. Então lá fui eu, de caminhão, levar os 79 turcos para lá. Era primavera, flores por todos os lados e os turcos pararam, dançaram aquelas coisas deles: “Agora vamos embora. Ponham para dentro” [riso]. Eles entraram e disseram assim em turco: “Das ist tupir cultur”, para mim. “Isso é que é cultura.” Dos turcos. E eu cá comigo: “Não sei.” Então, é claro, nós tínhamos que dormir lá, eu com um rapaz e mais uma moça

dormimos lá. No dia seguinte, voltamos para o nosso trabalho. Já queriam voltar comigo. Já queriam.

Já queriam voltar com a senhora?

Porque eles são tão rebeldes, os turcos, e lá eles não podiam sair do apartamento... do campo... Eles não queriam sair dali. Não era das cultur? Não, não era [riso]? Era uma prisão, porque eles não queriam sair da Europa.

[FINAL DA FITA 2-A]

Os turcos não queriam sair da Europa?

Não, não. Então [riso], aí é que foi a história. Nós quase que tivemos que sair escondidos, para eles não virem atrás, e eles ficaram lá. Não sei o que aconteceu com eles. Era bem longe. Eu estava quase perto do Báltico e fomos até... quase que a fronteira da Áustria, em Tirol.

E além dos letões, a senhora trabalhou...

Depois me mandaram para um campo de poloneses, acho que perto de Stuttgart. Agora nós tínhamos a nossa vida, aí já estava tudo arrumadinho. Acabávamos às seis horas, íamos para casa. Eu me esbaldei de ver concertos em Stuttgart. Depois de um determinado momento, podíamos já nos vestir sem ser de uniforme militar.

Tem um caso que eu vou contar a vocês. Um dia começou a imigração. Brasil, Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, isso, aquilo, aquilo outro. Apareceu lá um polonês e disse: “Eu vou para os Estados Unidos.” Nós também preparávamos, em cada acampamento, a papelada toda. Cada país tinha uma papelada diferente, por isso é que você devia saber inglês, francês. E ele disse: “Mas eu tenho uma coisa para dizer para a senhora.” Então eu disse à secretária: “Você quer sair um instantinho?” Ele disse: “É, eu quero contar uma coisa: eu não sou polonês.” Ele estava como polonês lá. Eu digo: “Por quê?” “Porque sou judeu e finjo que sou católico, senão eu tinha morrido. Então eu comungo todo o dia na capela.” Bom, então eu disse: “Olha aqui, você tem um segredo que agora é meu também. Eu não vou dizer a ninguém o seu segredo. Você vai, eu não vou mudar nada na sua papelada. Você vai como católico polonês, que você não é, você é judeu. Aliás, sua religião é o começo da minha. Então nós temos alguma coisa de comum. E agora mais esse segredo, eu não vou dizer nada. Mas você vai me prometer uma coisa.” Ele disse: “O quê?” “Quando você chegar a Nova York, vai virar judeu outra vez.” “Eu prometo.” “Está bom.” E ele foi com a papelada toda como polonês católico. Então, vocês podem imaginar; tinha milhares de coisas assim.

Essa experiência, que durou oito anos, como a senhora nos contou, foi absolutamente determinante na sua vida profissional e pessoal.

Claro, mas interessante que, conversando com outras colegas, todas nós tivemos, aqui no Rio de Janeiro, de aprender lidar com diferenças, respeito à pessoa... Tudo isso aprendemos na Escola! Nas nossas famílias também. Teve um outro que disse assim: “Eu não sei como eu vou falar com a senhora.” Eu disse: “O que é?” “Essa mulher com que eu estou vivendo

não é minha mulher” [riso]. É como se eu dissesse: “Isso aí não é comum por todo o lado”. Mas enfim eu disse: “E qual é o problema?” “Não, é que agora eu tenho que apresentar um papel de casamento e eu não posso apresentar, não posso. Porque houve uma vez uma reunião secreta, muito secreta.” Eu disse: “O que será isso?” Procurei o, então general, lá dos Estados Unidos, e ele disse: “Olha, se formos divorciar essa gente toda que está presa aqui, empata porque você tem que procurar o consorte, não é? Vamos esquecer isso porque senão nós não acabamos isso aqui na Europa. Então, se ele for...” – eu não sei a religião desse general – “à municipalidade dos alemães com duas testemunhas, eles fazem o divórcio. Mas não conta para todo o mundo. Fica para as assistentes sociais que vão resolver esse problema.” Então eu disse: “Olha aqui, quando eu tenho um que é protestante, por exemplo, um letão da Letônia e isso e aquilo, por aquilo outro, eu digo logo: ‘Você vai lá e tal.’” “O cartório eu arrumo, mas você tem que decidir, não sou eu. Você que é decide se quer ou não separar, para poder imigrar”.

Aí um disse: “Ah, eu estou em dúvida.” Ele era polonês. Eu digo: “Onde é que está a sua verdadeira mulher?” “Está na Suécia”. Eu digo: “Na Suécia?” Aí ele disse: “Vou pensar.” Aí, cheguei em casa, tinha uma assistente social sueca. Eu digo: “Vem cá. Diga uma coisa. A mulher desse homem está lá na Suécia, em Estocolmo, sua família é de Estocolmo. Será que a sua família não podia emprestar um dinheiro para ela vir para cá?” – Isso já estava no fim. – “Para eles conversarem e ele paga a essa pessoa os dólares que sua família emprestou.” E assim nós conseguimos. A família dela emprestou os dólares, a mulher veio para a Alemanha, então ficaram no mesmo quarto os três [riso], porque era um quarto só que ele tinha...

O homem com as duas mulheres?

Com as duas mulheres. Então *ménage a trois*, a três [riso], não é? E resolveram que a segunda era melhor, que a outra não queria ir para os Estados Unidos, ela já tinha uma loja, não sei o quê. Então foi tudo muito bem [riso]. Resolveu o problema! Aí foi a outra com o dinheirinho para pagar lá.

Dona Maria da Glória, nós só queríamos entender o seguinte: durante oito anos a senhora rodou nessa missão? Foi para Stuttgart. E depois?

Aí acontecia assim: “Está transferida para tal lugar assim, assim.” Vai para lá, para lá, para lá, compreendeu? No fim já estava menor. No fim, o nosso trabalho foi o remanescente, ia acabar a UNRRA. Não tinha mais imigração.

Certo. E todo mundo já estava nos seus lugares...

Muito bem. E a UNRRA fecharia dia tal de novembro. Bom, então nós tínhamos que preparar não mais para ir aos Estados Unidos, não mais para ir à França, ao Brasil ou ao que fosse, mas para a sociedade alemã, onde eles tinham sofrido. Para muitos, foi muito duro. Então eu e uma assistente social belga, isso foi em Munique, acabamos dois anos em Munique. Eu disse: “Olha, fechou.” Fomos à direção da UNRRA: “Nós queremos trabalhar de graça até passar todo o mundo para a economia alemã.” Nós, que tínhamos convivido com eles, não queríamos que eles chegassem lá e os alemães dissessem: “Viu? Está de novo conosco, não é não?” Não, isso a gente não queria.

Vocês queriam que os refugiados estivessem integrados à sociedade alemã?

Livremente. Sem nenhum negócio do alemão usar isso, já que naturalmente o alemão tinha raiva porque eles tinham comida que os alemães não tinham. No final tinham tudo. Os Estados Unidos foram avô, mãe, tudo dessa gente toda, da Alemanha e tudo. Então nós ficamos trabalhando dois meses, novembro e dezembro, de graça para a UNRRA. O importante era que nos dessem onde morar. Comida nós já pagávamos. E quando o último nosso foi por nós [colocado], então fomos embora. Eu fui para Paris. Disse: “Eu vou ficar seis meses aqui para me acostumar a viver num lugar normal e ter família” [riso]. Por que lá não tinha, era independente, eu viajei a Europa toda nas minhas férias. Fui à Grécia, fui à Turquia, fui a tudo que era possível, não é? E aqui eu tinha que arranjar um emprego, ficar tomando conta do meu pai e da minha irmã, da casa, como até hoje. Então, fiquei seis meses por minha conta em Paris.

Com as economias que a senhora fez lá?

Isso ainda tinha porque a conta era lá nos Estados Unidos. Quando eu vim, fiz muita coisa na nossa casa que estava meio estragada, dei um jeito.

Porque a senhora ganhava em dólares e nem tinha tanto em que pudesse gastar e nem tempo...

Nem tempo para isso! Não tinha uma fortuna, mas tinha o suficiente. Agora, eu viajei a Europa toda, viajei a Europa toda.

E quando a senhora voltou para o Brasil, foi trabalhar onde?

Naturalmente que eu fui trabalhar como professora na Escola de Serviço Social do Rio de Janeiro.

Na Universidade do Brasil, então?

Não, não. No Instituto de Serviço Social aqui em Botafogo. Ainda era isso.

Isso foi cinqüenta e poucos, não é? Cinqüenta e dois, não foi isso?

Pois é. Mais ou menos por aí.

E então, nos inícios dos anos 1950 a senhora voltou para o Instituto onde havia estudado?

Sim. E depois, concomitantemente, porque eu não dava aula lá o dia inteiro, entrei em uma entidade católica americana que queria ajudar o Brasil, com essa gente que vinha de lá.

A senhora lembra o nome dessa entidade católica americana?

United Nations Catholic Organizations. USA Catholic, americana, unicamente americana. Era ali no centro da cidade.

Onde no centro da cidade?

Era perto daquele hospital antigo que tem ali. Como é? A Santa Casa de Misericórdia. Em uma daquelas ruas ali perto. Então eu trabalhei lá.

E lá a senhora fazia o quê, exatamente?

O que eu fazia? Papelada de americano. E tratava coisas com os brasileiros com quem o americano tinha que lidar. Nós éramos quatro brasileiras e ele, americano. E todas nós falávamos inglês com ele, que meteu na cabeça que eu tinha que estudar nos Estados Unidos sobre *displaced persons* [riso]. Já tinha passado oito anos na Europa e ele achava que eu tinha... Americano é assim, só eles é que sabem. E eu aceitei. E fui para os Estados Unidos.

Mas antes dessa nova viagem, a senhora ficou dando aulas no Instituto. Estamos vendo que foi um período breve.

Foi breve.

Quanto tempo mais ou menos?

Ah, eu trabalhei mais ou menos um ano. Nem isso.

Nesse período, na Escola, a senhora dava aula de quê?

De Serviço Social da Família e do Menor.

E nessa associação americana, a senhora trabalhava com que tipo de pessoa? Isso não entendemos bem.

Displaced person da Europa que estavam aqui, pedindo auxílio aos americanos. Tinha um turco aqui, não gostou e queria ir para os Estados Unidos; aí nessa coisa.

Na verdade, a senhora lidava com pedidos de pessoas que estavam no Brasil e que não eram brasileiros mas queriam ir para os Estados Unidos?

Para os Estados Unidos.

É isso que a senhora fazia?

É isso que eles faziam.

A senhora fazia uma espécie de uma triagem, uma seleção?

É. Tinha que falar, conversar com eles, explicar para o americano o que era, o que não era e em que campo ele tinha estado lá. Podia ser um vigarista.... “Você esteve no campo? Qual foi o campo em que você esteve?” Entendeu?

Havia muitos judeus?

Não. Os judeus foram todos diretamente da Alemanha para os Estados Unidos. E depois, inclusive, em 1948 começou o Estado de Israel. Aí começou outra coisa daqui para lá, para Israel. Muitos não queriam ir não, muitos não foram para os Estados Unidos. Agora, quando eu cheguei nos Estados Unidos, e comecei a estudar lá...

Quando é que a senhora foi para os Estados Unidos?

Eu fui para os Estados Unidos em março de... Não me lembro, não me lembro.

A senhora voltou da Europa no início da década de 1950. Foi mais ou menos em meados da década de 1950.

No ano seguinte. É, em 1956, eu acho, que fui. Em 1955-56.

Foi fazer o quê?

Lá, fui aprender a lidar com *displaced person* [riso]. É, o americano achava que eu tinha que aprender.

E a senhora foi para que cidade?

Eu fui para várias. Quando eu cheguei em Nova York, eles me fizeram visitar todas as entidades que lidavam com essa gente, que eu tinha lidado lá [na Europa], até me encontrando com alguns que eu tinha... Então, de repente, a Organização Judaica em Nova York tinha um homem como presidente que tinha estado na Alemanha: “Ah, Miss Ferreira, *you are here*, não sei o quê e tal. Vem trabalhar comigo.” Ele não foi bobo. O americano, quando tem uma pessoa que é já formada, não gasta dinheiro [ri]. Ele só ganha.

A senhora foi para os Estados Unidos a convite?

Da ONU, bolsa da ONU novamente.

Não tinha a ver com esse trabalho que a senhora fazia... lá naquela entidade aqui no Rio de Janeiro?

Não, não tinha.

Tinha apenas porque a idéia foi da pessoa com a qual a senhora trabalhava: a senhora devia estar em Nova York, etc e tal... Aí a senhora se interessou, arrumou essa bolsa e foi.

Não, não. Aí foi o meu chefe americano aqui no Rio de Janeiro que, como era americano, achou que brasileiro não podia... oito anos não bastavam para eu ter aprendido. Então, que eu fizesse um treino nos Estados Unidos. Só os Estados Unidos sabiam ensinar. Então ele me mandou para lá

Ele é que mandou?!

Ele é que mandou. Arranjou tudo isso e tal. E quando eu cheguei lá, que me encontrei com essa gente que eu tinha conhecido na Europa. Eram uns judeus, que disseram assim: “Larga, fica comigo aqui.”

E aí a senhora foi?

Não, eu tenho um contrato. Seria desleal. Eu estou trabalhando na firma dele, ele arranja para mim, agora eu digo *bye bye* e vou para outra? Isso não se faz. E eu também queria conhecer os Estados Unidos, não é? Então fiquei rodando nos Estados Unidos; em muitos lugares encontrei gente com quem eu tinha estado na Europa, principalmente nas organizações. E ainda achando que não era suficiente, me mandaram para o Canadá [riso], que também recebia muita gente. E lá fui eu para o Canadá. Pronto. Depois eu voltei para cá.

Quanto tempo durou esse período de Estados Unidos e Canadá?

Olha, fiquei seis meses nos Estados Unidos e seis meses no Canadá. Um ano mais ou menos.

E voltou definitivamente para o Brasil?

Voltei definitivamente e disse para ele: “Olha, eu não quero mais ficar nisso. Quero uma coisa que eu possa dar para o Brasil toda a experiência que tenho. Então eu não quero mais ficar em nenhuma entidade que lida com *displaced person*. Está no fim e tal.” E eu pensei que nós tínhamos uma coisa parecida: era o nordestino vindo para o sul. Eu queria trabalhar com os nordestinos que viessem para o sul.

Com os migrantes.

Migrantes. Quando cheguei aqui, me disseram: “Dom Hélder Câmara quer falar com você. Há mais de um mês que está telefonando para cá.” Então eu cheguei, fui falar com ele. Eu o conhecia da Ação Católica. Ele disse – ele me chamava assim: “Glorinha, é comigo que você vai trabalhar. Não quero saber, é comigo!” E eu achei isso muito interessante. Então fui trabalhar com ele.

Já era a Cruzada São Sebastião nessa época?

Não, eu vi ele sonhar com a Cruzada. E o ajudei em alguma coisa. Eu trabalhava no Palácio São Joaquim com ele.

Então, quando foi trabalhar com dom Hélder, a senhora foi para o Palácio São Joaquim.

Ah, sim. A sala dele aqui e tal. E junto, ele chamou o padre Ávila, Fernando Ávila, daqui do Rio de Janeiro, que vinha da Europa com uma tese sobre imigração no Brasil. Então juntou a vontade do padre Ávila, imigração no Brasil, com a minha idéia de pegar nordestino que vinha para cá. E o dom Hélder era um homem muito inteligente: “Eu tenho duas pessoas, vou juntar essas duas pessoas aqui para mim e pronto.”

E aí como foi esse trabalho, dona Maria da Glória?

Esse trabalho impediu muito, porque o Brasil é muito grande. Então, a Igreja não tem dinheiro para isso e o governo aqui não vê um palmo depois do nariz. Tem gente que é contra o catolicismo, como agora com esse negócio aí. Eu estava vendo aí esses padres de lá, eram 6% de 94% que não fazem, e pai que faz isso com filho, então não tem nada que ver seja casado ou não casado, que o pai casado faz isso com o filho, entendeu? Mas enfim, da imigração. Realmente quem viaja no Brasil, uma pessoa que nasceu em Manaus, no

Amazonas, como vai se ajustar a São Paulo? Não vai. Então eu disse: “Olhe, dom Hélder, nós temos que ter escritórios em vários lugares. Quais são os lugares no Brasil que recebem? Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Paraná, Rio Grande do Sul.” Então ele era o presidente da Comissão Brasileira de Imigração. Dom Hélder era o presidente, pe. Ávila o diretor, e eu a secretária.

Então eles ficavam aqui e eu ia a São Paulo, estudava lá com o pessoal de São Paulo, o que era possível, o que não era possível. E nós tivemos, nesse momento, uma ajuda muito grande do Vaticano, que nos mandava dinheiro, e dos católicos americanos. Não mexemos com dinheiro do brasileiro.

E, no cotidiano, como era esse trabalho? A senhora falou que havia escritórios em várias cidades.

É, em várias cidades nós montamos. Não tinha nada. Bom, então nós trabalhávamos no Palácio São Joaquim, ali na esquina de Benjamim e Santo Amaro. Tínhamos quatro salas: uma para as assistentes sociais que iam receber as pessoas, a diretoria, que era o padre Ávila e eu, uma secretaria e um despejo, porque essa gente vinha às vezes com a roupa do corpo e não tinha onde pôr. Então nós tínhamos um despejo lá. E conversávamos com essas pessoas...

As pessoas vinham para o Rio e aí se dirigiam ao Palácio São Joaquim?

Não, vinham pelo governo brasileiro, que as colocava na Ilha das Flores, na Guanabara. E depois, como eles eram católicos, vinham para as entidades católicas. Mandavam para o Dom Hélder, não é? E nós tratávamos dos católicos. Agora, se vinha um que não tinha, nós também tratávamos.

Brasileiros, não é?

Não! Estrangeiros.

Estrangeiros? Porque quando a senhora falou da Ilha das Flores...

Que já não tinha mais rua aquilo tudo que eu fiz lá na Europa. Eles contavam. Por exemplo, de repente, o Egito não quis nenhum italiano que morava lá. Então os italianos foram para a Itália, isso depois de eu estar aqui. E os italianos disseram: “Ah, vocês ficaram lá trezentos anos e agora vêm tomar nosso emprego? Não senhor, vai coisa nenhuma.”

Quer dizer, essa montagem que foi feita, começou a existir com imigrantes mesmo?

Imigrantes mesmo.

Porque na Ilha das Flores chegavam os imigrantes?

Imigrantes, mas que tinham sido *displaced*. Por exemplo...

Que tinham vindo como refugiados da Europa, é isso?

Os que sobraram lá, os que tinham sobrado lá. Ou por exemplo os italianos que o Nasser, que tomou posse, porque era um império, disse: “Ou vocês se tornam egípcios ou então vão

embora.” Então, aqueles italianos, as famílias que estavam há trezentos anos lá... E muito italiano, por causa de São Paulo, disso, daquilo, vinham para o Brasil.

E aí vocês atendiam a esses imigrantes.

Que vinham para virarem brasileiros.

Virarem brasileiros.

Exatamente. Diferente, uma coisa diferente.

Aí recebiam, e conversavam com essas pessoas?

Conversávamos. Eles chegavam na Ilha das Flores, ficavam lá, o mesmo sistema, descansavam um dia, depois, no Palácio São Joaquim, eu tinha um homem que era russo. Falava todas as línguas eslavas, falava italiano, falava francês, falava tudo. Então ele ia à Ilha das Flores, via a família que precisava vir ao nosso escritório para saber onde seria colocada. Naturalmente, se preferisse ficar no Rio de Janeiro nós procurávamos um emprego num... A maioria queria ir para São Paulo. Vai para São Paulo. Outros tinham amigos lá no Paraná, ou iam para o Rio Grande do Sul.

Esse trabalho da Igreja estava então totalmente vinculado ao Estado, não é? Porque vocês não podiam tomar essas medidas... Como era essa relação? Como era esse trabalho que Dom Hélder estava coordenando?

Não, era o governo brasileiro que fazia: “Graças a Deus, Dom Hélder, o senhor tem esse negócio!” O que eles iriam fazer com isso? O que eles queriam fazer com isso?

Mas vocês tinham que entrar em contato com os governos estaduais, enfim, para decidir...

Isso eram os nossos escritórios... Por isso tivemos que ter escritórios nesse negócio todo. Então eu viajava, por exemplo, para São Paulo. Ficava lá três semanas, etc, etc, falando: “Nós vamos montar aqui um escritório.” Nós tínhamos dinheiro, porque não éramos vigaristas. O americano nos dava. O Vaticano nos dava. Eles mandavam ver, não tinha um décimo a menos do que tinha que ter, não é?

Esses escritórios faziam esses contatos e informavam vocês aqui no Rio?

Não, não. Nós telefonávamos: “São Paulo, nós estamos aqui com uma família assim, assim, assim, assim. Vocês encontram um trabalho para ela? Amanhã eu te telefono.” “Sim, tem, não tem, daqui a quinze dias.” “Então volta para a Ilha das Flores. Volta.”

Certo. Vocês centralizavam.

Centralizávamos.

E coordenavam os trabalhos a partir do Rio de Janeiro?

A partir do Rio de Janeiro.

E em função dessas informações esse pessoal que chegava...

Ia ou para Belo Horizonte, muito poucos, não tivemos necessidade de ter lá um escritório. Lá muito pouca gente ia, só quem tinha parentes. Então nós tínhamos uma assistente social que fazia isso lá. E em São Paulo nós tínhamos quatro pessoas trabalhando no escritório. Em Curitiba tínhamos três pessoas trabalhando no escritório; Rio Grande do Sul quatro pessoas trabalhando no escritório.

Mais para o sul e São Paulo, não é?

É, São Paulo.

Que é a área preferencial mesmo do imigrante no Brasil?

Eles já vinham com vontade de ir para lá. Mas tinha muita gente, por exemplo, que lidava com uva, e queria ir para o Rio Grande do Sul.

E essa entidade como é que chamava mesmo?

Essa? Comissão Brasileira de Imigração..

Totalmente vinculada à Igreja?

Era. Tanto é que quando a CNBB, Conferência dos Bispos, mudou-se para Brasília, acabou esse escritório aqui no Rio.

A senhora havia dito que, quando voltou dos Estados Unidos, depois desse trabalho com displaced person da Europa, havia pensado na possibilidade de um trabalho como esse com os nordestinos. Essa idéia da senhora teve algum encaminhamento?

Não, eu fiz um projeto para isso, foi entregue ao Instituto de Imigração. Havia departamentos *que cuidavam da questão*. Engavetaram aquilo. Porque eles é que queriam fazer e não faziam nada. Coisa de brasileiro.

[FINAL DA FITA 2-B]

Nós estamos retomando o que dona Maria da Glória estava contando. O trabalho feito pela Comissão Brasileira, que não só trabalhou com imigrantes mas também com nordestinos.

Depois que eu vim para o Brasil.

Depois que a senhora veio para o Brasil, é claro. Com os nordestinos, como é que a coisa funcionava?

Olha, com os nordestinos era um pouco diferente dos *displaced*. Primeiro, eles estavam no seu próprio país. A língua é a mesma. Vamos dizer que 2/3 da cultura é igual no Brasil inteiro e tem as locais, não é? Então é bastante diferente, é muito mais fácil você lidar com

isso do que você transplantar, por exemplo, um ucraniano para os Estados Unidos ou para o Canadá ou para o Brasil. Tanto que eu, uma vez, na Alemanha, fui procurada por nômades da Sibéria, que vieram falar comigo em Kassel. Eles tinham ouvido falar que no Rio Grande do Sul se criava muito cavalo. Eu disse: “É verdade.” “Então nós queremos ir para o Rio Grande do Sul.” “Vocês não são nem *displaced persons*, nem tinham um governo [riso] na Sibéria – imagina! – para vir para cá. Não podia autorizar isso. Mas como eles eram de Gengis Khan, aquele pessoal todo de cavalo, eles achavam que o Rio Grande do Sul ia ser um céu aberto!

Agora, no caso dos nordestinos, há um deslocamento muito grande, permanente, principalmente para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Bom, o nosso programa era o seguinte: era não deixar vir à toa, como eles vêm. “Não quero mais ficar no Ceará!” “Por quê?” “Porque eu não tenho trabalho” Vamos primeiro, localmente, ver se podemos prendê-lo ali. Que é o lógico! Mas não tem, ele vai para a rodovia e se mete num ônibus.

No caso dos imigrantes, eles chegavam, eram todos levados para a Ilha das Flores, ali tinha uma quarentena, havia um controle dessa população que chegava de fora para o Brasil. Agora, no caso dos nordestinos, não. Como é que eles iam parar no Palácio São Joaquim?

Eles não chegaram lá. Nosso projeto era para que tivesse uma ilha para os nordestinos.

Uma espécie de Ilha da Flores?

Primeiro que eles comessem lá no Nordeste, a ter um serviço para aqueles que querem sair do seu estado. Então via-se lá, onde tinha a sua cultura, podia arranjar, não é, alguma ajuda com a Igreja. Então não viriam para cá. Talvez, se o governo do estado do Ceará tivesse também um serviço que filtrasse aqueles que realmente não deveriam estar lá e não deixar, como eles deixam até hoje, que cada um venha quando quer... Chega e fica assim, debaixo da ponte...

Agora isso, na verdade, não chegou a funcionar.

Porque o governo brasileiro não quis, o pessoal aqui do Rio de Janeiro, que era a capital ainda.

Quer dizer, mesmo dentro da Igreja isso não conseguiu ser viabilizado.

A Igreja sozinha não podia fazer nada.

Quanto tempo a senhora ficou nessa experiência no palácio São Joaquim com Dom Hélder Câmara?

Quinze anos.

É um tempo, hein?! E a senhora dava aula durante esse período?

Foi durante esse tempo que eu resolvi fazer sociologia e política. Então eu trabalhava no Palácio São Joaquim de tarde e de manhã eu ia para a PUC.

A senhora era aluna de manhã. E a senhora dava aulas ainda ou parou de dar aula?

Não, aí eu parei de dar aula. Na PUC ainda não estava formada em sociologia, não podia dar. Dava aqui. Naquele tempo o Serviço Social, onde eu estudei, mudou para a rua Maria Angélica, aqui no Jardim Botânico. Eu dava aula de manhã e ia para PUC, dava lá, era uma coisa! Chegava em casa 11 horas da noite.

Mas isso, essas aulas que a senhora dava na Maria Angélica não eram no tempo que a senhora trabalhava com Dom Hélder não?

Era! Trabalhava com ele. Mas isso já era da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Ah, aí já era Universidade Federal.

Já era Federal.

Era na Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal.

Não. Faculdade, nós nunca tivemos isso. Era Escola.

Escola. Era Escola de Serviço Social.

Escola de Serviço Social.

Como é que se deu então essa transformação do Instituto em faculdade, depois, quando ele se agregou à PUC?

Foi antes de se agregar à PUC.

Pois é. Mas conta essa historinha. Como é que se deu essa mudança?

Havia o Instituto e havia a Escola, que já era da Federal e não tinha nada que ver com a PUC. Então, essa primeira, que era católica, se juntou à PUC. A segunda, que era aqui na Maria Angélica, já era da Universidade Federal...

Universidade Federal. Que era a Universidade do Brasil.

Brasil antes.

E era lá que a senhora estava dando aula nesse momento.

Não! Eu só comecei a dar lá na Praia Vermelha, quando entrei para Sociologia e me formei.

Enfim, quando a senhora voltou dessa experiência toda, Europa, Estados Unidos, a senhora... ensinava na Escola de Serviço Social, que era da PUC. Mas que não funcionava ainda na Marquês de São Vicente.

Não. Funcionava aqui em Botafogo³.

A senhora foi trabalhar na Universidade do Brasil quando, Dona Maria?

Quando eu me formei em Sociologia, o padre Ávila pediu que eu fosse assistente dele.

E isso foi mais ou menos quando? Já nos anos 1960?

É, mais ou menos 1960.

No início dos anos 1960 a senhora foi dar aula na Universidade do Brasil.

Universidade do Brasil. Aí, política social. Porque tinha sociologia e política. Política social.

E como era essa cadeira que a senhora dava? O que a senhora ensinava?

Olha, essa cadeira era o seguinte, você tem na economia, microeconomia e macroeconomia. E isso era o *macro* Serviço Social. Compreendeu? *Macro* Serviço Social. Qual é a política do governo com relação à família? Qual é a posição do governo face à criança? Por isso é que eu estava lá: sociologia e política. Política, tudo aquilo que o governo deve fazer no social, no macro.

E o que a levou a fazer o curso de Sociologia?

Olha, primeiro porque toda a vida eu fiz coisas no social. Ajustamento de pessoas, falar, defender o pobre, defender o necessitado... o social, não é? Depois eu fui trabalhar com Dom Hélder, que eu achei que era um profeta. No fundo, mais tarde, se soube que ele era um profeta da Igreja. Porque ele despertou, com aquela inteligência, que o pobre vale tanto ou mais do que o rico. E depois, o padre Ávila, que veio formado jesuíta, que estudou 16 anos para poder ensinar, abriu uma escola de sociologia e política. Como ele era meu patrão, eu fui para...

Foi estudar sociologia política na escola do padre Ávila, na PUC.

Na PUC.

A senhora gostou do curso?

Ah, muito! É *fas-ci-nan-te*. Sociologia e política são as coisas mais fascinantes do mundo.

E a senhora gostou particularmente de algum professor nesse curso da PUC?

Ah, tinha padre Lemos, tinha tantos! Eu nem me lembro, tantos...

A senhora sentiu diferença – claro que sim, eu sei que há diferença – mas comparando o curso que a senhora fez, de Serviço Social no Instituto, nos anos 40 ainda...

³ Refere-se ao Instituto de Educação Familiar e Serviço social que será absorvido pela PUC-RJ.

Era para o microssocial.

Era para o micro! Entendemos!

Entenderam? Era para o micro.

E o curso de sociologia e política era para o macro.

Para o macro.

Então era uma espécie de complementação.

Complementação. Tanto é que eu tenho uma sobrinha que é socióloga e que disse assim: “Eu gostaria tanto de poder fazer Serviço Social!” Porque ela fica só com aquele negócio de aula, não é?

E a senhora acha que essa combinação é boa.

Não. Eu acho que todas as ciências precisam umas das outras. Você precisa de psicologia para fazer Serviço Social, você precisa de psicologia para ser um bom economista... Como é que o povo pensa? Eles têm que saber psicologia! Entendeu? Medicina também. Eu vou contar um caso de medicina em Serviço Social.

Quando eu estava na Imprensa Nacional, o doutor Piquet Carneiro veio e disse: “Olha aqui, eu tenho um homem que está com uma dor de garganta e não fica bom, e não tem razão. A causa tem que ser outra coisa, não é física. A senhora vai ter que me descobrir.” Assistente social, médico precisando de Serviço Social. Disse: “Está bom! Então eu vou visitar essa família. Mas visitar a família, eu acho que para a ética – e isso serve para as nossas polícias que estão por aí – você não vai à casa de ninguém sem que ele aceite que você visite. Do contrário não é ético.”

Muito bem, então eu chamei o homem, falei com ele e disse: “Você, o que é que tem? Você está com essa dor de cabeça, não sei quê... Me diz uma coisa...” “Ah, é que a minha mulher não sei o quê e tal...” “Me diga uma coisa, você não quer que eu vá um dia conversar com ela?” “Ah, está bom!” Então ele me deu autoridade de visitar, lá nos cafundós do Judas, no subúrbio. Nem sei onde é. Lá fui eu. Cheguei lá, bati, num morro assim, embaixo de uma árvore... Isso – quando fui para a Europa, eu tinha 29 anos –, ainda não tinha 29 anos. Num morro assim, imagina, com uns moleques lá... não era droga, nada disso, que não tinha naquele tempo, não sei por que eles estavam lá. Eu passei, o carro não podia passar, passei e vi uma vila, a casa tal. Toquei assim, não tinha campanha... toquei assim e nada. Nisso, na porta aqui em cima, era de veneziana, eu vi dois pés de homem lá. Eu digo: “Ué! Ele me disse que a mulher mora sozinha e tem um homem aqui dentro.” Não é? De sapato. Então a gente via [riso], negócio de saber. Eu disse: “Ó, vou me embora. Vou me embora.” E disse que eu tinha errado, que tinha errado o negócio. Que eu iria outra vez. E para o doutor Piquet eu disse, de profissional confessional, como um segredo que a gente tem... Jura? Eu disse: “Olha, doutor, eu acho que tem aí qualquer coisa com essa mulher, um homem, qualquer coisa assim, que está dando nesse negócio. Eu vi os dois pés lá, toco, toco, bato e ninguém me ajuda, me atende. Então, não quer me atender! E por quê? Porque tinha alguém que não devia estar lá dentro. Então vamos ver quem é, esse negócio...” Aí marquei um outro dia, uma outra hora e fui. Fui, de novo o homem lá. Bom, aí eu chamei, falei, eu vou saber disso como assistente social. Chegou o homem, eu disse: “Olhe aqui, sua mulher tem saúde mesmo? Tem mesmo?” Não sabe. Eu digo: “Então talvez seja por isso

que ela está assim, o senhor não se entende com ela e tudo... Qual é a doença que ela tem?" "Olha, eu não sei qual é. Eu sei que os pés dela, sai sangue assim do pé que é uma coisa horrível!" Lepra! Viu? Agora, eu tinha que ter uma certa noção de medicina na Escola de Serviço Social...

E a história do sapato? Então não tinha homem nenhum!

Tinha um homem de fora, que ele estava lá no meio do serviço, ele e a mulher. Ia lá visitar a mulher. Era o outro sapato lá dentro. Na hora que o marido estava lá é que eu ia à casa dela. Bom...

Mas a mulher tinha lepra.

Tinha! Assim... Eu não sei! Eu também não sei se o marido sabia que aquilo era lepra. Então eu disse: "Olha, agora está nas suas mãos, doutor... [ri] Está na sua, não é mais nas minhas." Provavelmente esse homem *sente* que ela tem, *sabe* que ela tem, não sei se sabe que tem um homem que vai lá. Também nós não podemos garantir que seja um namorado, pode ser um irmão dela, pode ser o pai dela. Mas *ele sabe* que tem alguma coisa. *Sabe*.

É uma complicação mesmo, não é, Dona Maria da Glória?

Então, aí: "Isso é de homem para homem, o senhor fala porque o senhor é médico, vai falar com ele." E assim fez. E assim nós arranjamos para ela ir para o Leprosário de Jacarepaguá. Ele ficou sabendo. Ficou sabendo pelo doutor Piquet que há muitos casos que têm cura, que não adiantava ele esconder, não adiantava *ela* esconder. Que ia ser muito pior. Ele cedeu. Passou a dor de garganta e arranjamos tudo para ir. Você sabe por que não foi?! Porque ela queria levar a máquina de cozer dela e o asilo não aceitou.

Que complicação!

Brasil!

Dona Maria da Glória, quanto tempo a senhora deu aula e trabalhou junto com o padre Ávila, trabalhou muito tempo?

Não. Eu não, eu trabalhei para ele como socióloga, eu tendo sido aluna dele e ele vendo a minha maneira de trabalhar, me levou para lá...

Certo.

... e tirei tudo e tal. Estava em casa ainda, no São Joaquim. Um dia, chegou lá e disse: "Olha, eu estou com 60, 80, numa sala de aula... Vem trabalhar comigo lá." Fui trabalhar, mas independente. Eu era uma professora contratada pela universidade.

Contratada... Entendi. É isso que estou querendo saber. A senhora era contratada pela universidade. Quanto tempo a senhora trabalhou?

Ah, eu só não fiquei 25 anos por causa dos meus alunos. Aí veio uma lei do governo que, se eu não trabalhasse unicamente para uma universidade federal, eu não pegava a minha

aposentadoria integral. Eu não podia ter dois empregos. Então, com 24 anos e oito meses, eu me despedi da PUC...

Ah, da PUC! Para ficar só na Federal.

Para ficar só na Federal.

Aí a senhora saiu da PUC e ficou só na Federal, onde trabalhou até...

Eu sabia: “Vou fazer 70 anos, vou ter que me aposentar. Então eu vou ter cinco anos só com a Federal.” Mas fazia 24 anos de PUC.

E a senhora ficou muito tempo trabalhando nos dois lugares?

Olha, eu acordava às seis horas, ia para a PUC, sete e meia entrava na sala de aula, saía ao meio-dia. Por isso que eu moro aqui, era entre lá e cá, não é? Então passava por aqui, ia para a Praia Vermelha, entrava na sala de aula logo depois do almoço e chegava em casa oito, oito e meia.

E nas duas escolas a senhora trabalhava mais ou menos com as mesmas disciplinas?

Não. Lá na PUC, unicamente sociologia e política. Aqui eu dava, no começo, Serviço Social, mas no sentido macro, por causa da sociologia e tudo, não é? Porque você aprende na Escola de Serviço Social – é a única profissão que tem isso – como lidar com o indivíduo, como lidar com o grupo e como lidar com esse grupo na sociedade onde ele vive. Então, atingia lá. Lá na PUC não, era política social, que políticas você deve fazer, como é... É outra coisa.

Por que é que eu escolhi sociologia? Porque já no curso de Serviço Social, eu gostava de sociologia, de política. Política não é pensar em vereador. Políticas! *Leis* que você tem que estabelecer no Brasil, como em qualquer lugar, para funcionar. Você tem uma política doméstica. Quem deve fazer isso, quem deve fazer isso, quem deve fazer isso... Essa família é de um jeito, a outra é de outro jeito. É a política!

Dona Maria da Glória, voltando ao seu trabalho com Dom Hélder. Ele fez um trabalho muito bonito junto às populações mais pobres...

Aí ele inventou aquele negócio com os pobres.

Pois é, A Cruzada de São Sebastião. A senhora o ajudou nesse trabalho?

Olha, eu não tinha tempo para isso, mas alguma coisa, sim. Por exemplo, quando eu tinha tempo, eu ia com ele lá para a Cruzada, para ensinar as mulheres a usar um banheiro, a como usar uma casa que tem janela... Nós todos fomos para lá várias vezes. Mas ajudei muito pouco. Porque os primeiros moradores que entraram lá, fizeram das latrinas, encheram com terra e fizeram jardins. Para criar plantas.

Em 1964, Dom Hélder foi transferido para o Nordeste, foi para Recife. A senhora continuou trabalhando no arcebispado?

Não, porque antes de ele ir para lá, mudou a capital para Brasília, então acabou. Só quando ele vinha ao Rio é que estávamos com ele...

E a senhora então deixou de fazer algum trabalho com a Igreja, nesse período?

Ah, sim. Eu posso dizer que ensinar na PUC era com a Igreja, desde que era católica, não é?

Não, tudo bem. Mas é outro tipo de trabalho, não é?

Sim. Outro trabalho, outro trabalho.

Quer dizer que realmente a senhora ficou no Palácio São Joaquim, nesse trabalho, até mais ou menos 1960?

Não, mais que isso! Foi no tempo em que eu fui outra vez à Europa, aí como turista. Foi em 1965-66.

A senhora ainda estava trabalhando no Palácio São Joaquim nessa ocasião?

Não.

Estava na PUC só. E a senhora foi fazer essa viagem por conta de quê?

Essa para a Europa? Ah, com meu salário, pois!

Ah, bom! A senhora foi passear! Tudo bem!

Foi nessa viagem que eu entrei na Rússia. Fiz um esforço para entrar na Rússia em 1965.

D. Maria da Glória, a senhora trabalhou muitos anos como professora, deu aula na PUC, deu aula na Universidade do Brasil. Como professora, a senhora viu muita transformação no ensino de Serviço Social? Entre o que a senhora estudou, o que a senhora ensinava?

Ah, sim! Mudou muito! Para começar, no começo nós tínhamos muita influência americana. Porque era o tempo do Kennedy, que fez aquele Ponto Quatro. Então mandava aquelas americanas todas. E também, pelo fato de não termos aqui uma universidade. A universidade mais antiga é a do Brasil, que virou Federal do Rio de Janeiro, não é? Depois eu acho que é a USP de São Paulo.

É. A USP é a mais antiga.

Depois, por exemplo, teve um grupo voluntário aqui que me perguntou quando a própria Igreja mudou com o Vaticano II e o João Paulo II, que queria estudar a documentação que tem a Igreja. Porque a Igreja tem uma documentação fabulosa. Qualquer assunto. Mas isso era voluntário. Eu me reunia com 10 senhoras, em casa de uma delas, e cada documento que vinha do Vaticano, nós estudávamos. Então, por exemplo, os papas também sofrem o que muda na sociedade.

No caso do Serviço Social, teria uma influência francesa grande aqui, no início, não?

Americana também.

Americana também. E a senhora deu aula até quando, mais ou menos?

Eu dei aula até 1969, por aí.

Quase até os anos 70. Nesse período a senhora sentia o serviço social como? Ainda com uma influência norte-americana?

Não. Perdeu muita coisa americana. Muita! Porque aqui, de certa maneira você não pode copiar os Estados Unidos. E eles também não estão se adaptando a um país que têm influência, eles querem *impor*, eles não querem ajudar. Então eles não vêm para cá. Graças a Deus, de certa maneira! E aqui, inclusive em todas as outras profissões, o Brasil se tornou independente, não é? Eu me lembro que o meu irmão, para estudar medicina, teve que aprender alemão, porque só tinha livros em alemão!

No caso do Serviço Social a senhora considera que houve crescimento?

Aqui, sim. Agora, eu acho que faz mais ou menos uns 10 anos que está muito parado. Quando me aposentei – daí que vou te dizer como é –, eu, para não ficar em casa sem fazer nada, disse para o Serviço Social: “Eu vou ajudar vocês de graça!” Então eu fui eleita secretária da entidade, do serviço social. Tinha a presidente, tesoureiros...

Qual era a entidade?

CBSS, Centro Brasileiro de Serviços Sociais. Então eu disse: “Bom, já que eu fui eleita a secretária daqui, o que é que eu vou fazer?” Secretária para quê? É para administrar, supervisionar, ajudar a presidente... Nada disso, a secretária vem e faz nada. No estatuto tem assim: presidente, vice-presidente, tesoureiro, vice-tesoureiro, tem segundo secretário... Bom. Isso, tem uma pessoa que trabalha lá há mais de 20 anos que faz o papel de secretária. Então, quando eu cheguei, eleita secretária, eu disse: “Olha, eu vou pegar a biblioteca que é muito rica em Serviço Social, mas que tem muita coisa que não tem nada que ver com Serviço Social. Tem gente que morre e manda isso para lá? Eu não vejo por que numa universidade, numa biblioteca, ter *todas* as leis do Brasil, desde de Pedro Álvares Cabral! Não é? Você manda isso para uma faculdade de Direito, eles que usem isso lá! Se um dia você fizer uma tese que precisa ver um negócio, você vai lá!” Mas você não enche o seu espaço, com coisa que não tem nada que ver. Não é o principal isso!

Mas quem disse que eu não posso usar! Porque nem sempre as pessoas que são eleitas, assim como os presidentes, são inteligentes, querem mudar e fazer. Então, na biblioteca foi impossível. Eu queria trabalhar, porque uma assistente social não é uma socióloga, ela simplesmente sabe catalogar os livros e pôr na coisa e tal. Ela não tem conhecimento para dizer se esse livro serve ou não serve, não é? Então, já que eu era secretária, eu podia fazer isso. Não quiseram naturalmente, porque iam desbancar a biblioteca, essas coisas. Eu acho isso, ó, uma coisa... Uma pessoa que vem com o estudo que eu tinha, que podia dar aquilo de graça para eles, não querer! Então eu vi que eles tinham feito *muitos e muitos cursos*, porque não existiam universidades antes. Então, o que nós poderíamos estudar pelos cursos...

...São armários com coisas, com tudo ali. Então eu disse: “Primeiro, por que ter tudo isso aqui se eles não deixam? Eu vou pegar cada curso que vocês fizeram e faço uma ficha, tal e

assim, assim...” Se foi muito bom, até que eu posso ler alguma coisa, a gente separava para futuramente editar. Então, você pode, até para no dia-a-dia delas ter: professor fez esse curso assim, assim... não é? Tantas pessoas vieram. Vieram só do Rio de Janeiro. Vieram de fora do Rio de Janeiro. Depois: foi apreciada, não foi apreciada e tal... Você ia ter uma ficha de cada curso que elas fizeram, que foram milhares, compreendeu, isso ajudava você. “Eu quero fazer agora sobre o menor que fuma drogas. Vamos ver os menores que tem aqui. Vamos ver todos os cursos que nós temos sobre menores. O que nós podemos aproveitar dessas pessoas que vieram aqui nos ensinar a fazer e tal?...” Não consegui!

[FINAL DA FITA 3-A]

Não conseguiu fazer.

Não.

A senhora desistiu do seu trabalho voluntário lá?

Desisti. Saí de lá. Ir para lá para ficar olhando para elas, para quê?

E me diga uma coisa, e quando a LBA acabou? A senhora teve algum impacto com isso?

Eu não tinha nada a ver com a LBA. Era uma entidade como outra, como muitas outras que existem.

A senhora nunca fez nenhum trabalho junto com ela?

Não, não.

E não gostava muito da política da LBA? A senhora tem uma visão crítica?

Não, não. Eu não tenho nada. Tinha amigas que trabalhavam lá. Acho que muita coisa deve ter sido feita. Mas eu não tinha tempo de me ver lá, não é? Agora, eu acho, e aí eu chamei, por exemplo, ex-colegas da Federal e disse: “Por que é que vocês não procuram junto ao CBSS, que se faça isso?” E que também cai no computador. Eu não entendi bem.

Um estudo. Qual foi, através dos cursos, a evolução do Serviço Social. Isso era muito melhor do que estar tomando conta assim! Você punha aquilo, as fichas já estavam arrumadas.

Fale um pouco desse CBSS, que a senhora está falando tanto.

Bom, agora eu não sei. Então eu saí de lá!

Quando foi criado?

O CBSS? Foi durante a guerra, eu estava lá. Eu estava lá. Foi em 44, 45.

Ela é nacional?

Nacional.

Tem sede em...

Não. Cada capital tem o seu e se reúne nessa daqui, compreendeu?

No Rio.

No Rio.

O Rio é a sede.

O Rio é sede para o Brasil. E representa a internacional no Brasil.

Ah, e representa a internacional no Brasil. Como é que é o nome da internacional?

International Comission for... não sei o quê.

E essa diretoria é escolhida, é nomeada, é eleita? Como é isso?

Bom, eles se reúnem, acho que de dois em dois anos, se ainda é assim. É internacional mesmo e tem sede em Genebra. Então, por exemplo, muitas vezes a brasileira, sem viver lá – não precisa viver lá –, era da diretoria internacional. Ia para lá, ficava uma semana, essas coisas todas, compreendeu? É internacional. Tem ainda a sul-americana, que sempre os presidentes foram brasileiros, engraçado. Porque o Brasil está muito mais desenvolvido no CBSS do que os outros países. Então sempre é um brasileiro. Geralmente gente do sul: Paraná, Rio Grande do Sul... Agora tem uma carioca, não é?

Mas para essa brasileira, as pessoas eram o quê? Eleitas? Eleitas por quem?

Não. Se você quer saber quem é para o Brasil, representando todos os CBSS que existem no Brasil: Mato Grosso, Paraná, isso e aquilo outro, vêm para o Rio de Janeiro e votam e descobrem e voltam.

São uma espécie de delegados?

Delegados. Exatamente.

Funciona mais ou menos por delegação, pelo que estamos entendendo. Agora a senhora militou alguma vez na Associação Brasileira de Serviço Social?

Não.

Nas Escolas de Serviço Social? Não.

Não.

Porque também existem essas entidades, não é? A ABAS...

À ABAS eu era filiada

Filiada.

Como também, ao sindicato nosso. Quando eu desci, cancelei aquilo tudo, não tinha sentido. Agora, eu acho que quando eu terminei a Federal, que estava ainda com todo gás, e tinha saído da PUC, eu acho que elas deviam ter procurado usar a mim e a uma outra que também estava assim, para reformar, sugerir – não impor – mas sugerir como é que a gente podia modernizar!

Então vamos até aproveitar, porque mais ou menos estamos finalizando a entrevista, e pedir algumas opiniões que a senhora ache que seriam interessantes para o Serviço Social hoje.

Olha, hoje eu acho que ele não pode ser uma entidade que não tenha uma sede própria, é um absurdo!

A senhora está falando aí do Centro Brasileiro, não é?

Sim. Vão desmontar aquilo porque aquilo era emprestado pelo SESP. Desde 1944 que a sede está emprestada, isso é um absurdo! E em menos tempo, com a Comissão Católica, como vinha dinheiro, para cada pessoa que recebíamos no porto do Rio de Janeiro, nós recebíamos 100 dólares. Para poder começar a vida de uma pessoa. Uma família de seis pessoas, 600 dólares. Setecentos reais. E 10 para administração. Com esses 10 reais de administração que vinham, eu consegui comprar em São Paulo quase que um andar inteiro. Porque lá tinha muito com dinheiro nosso. Em Curitiba consegui, Rio Grande do Sul consegui, aqui ficamos, depois quando foi para Brasília aquilo tudo... [Aqui] nós alugamos [um lugar], até que a Igreja nos desse no Largo do Machado, um andar lá para a gente não parar. Quer dizer, eu acho que você administrando bem o dinheiro, não deixando ninguém roubar 10 centavos, pode fazer diferente.

Isso está faltando então, não é?

Hoje está.

A senhora depois desenvolveu mais algum trabalho? Quer dizer, hoje a senhora faz algum trabalho junto à Igreja, alguma coisa de assistência social?

Não. Hoje não. Incrível, quando eu me aposentei, eu fui aqui na minha paróquia, e disse: “Olha, eu estou sem fazer nada e acho a pior coisa que existe no mundo, você não trabalhar! Trabalhar não é castigo não. É uma dádiva de Deus. Então, se o senhor está querendo fazer um centro cultural ali, está aqui o meu currículo, não é? E está aqui, se o senhor quiser, me chame e tal.” Porque eu, entre tempos, fiz teologia, é um negócio que é a filosofia da Igreja, eu fiz com os beneditinos. Eu fiz três anos com o Domico, o que não é sopa. Então eu disse a ele, “eu tenho inclusive isso”. Ele tomou uma pessoa agora para fazer isso, quer dizer, agora não, que ninguém está gostando, para dar teologia. Quando, do meu portão eu vejo a igreja, me ofereci para ensinar de graça e dar aquilo... E disse: “O senhor pode conversar com o padre Ávila, com quem trabalhei 15 anos, e com o Dom Estevão, quatro anos.” É bastante. É coisa de brasileiro. Era de graça!

A senhora queria dizer alguma coisa a mais?

Não, eu acho muito bom. Agora, eu acho que não é suficiente, vamos dizer, a Aylida e a mim, porque eu tive... Não tem mais ninguém vivo, que tenha tido esta experiência que eu contei a vocês...

Então eu acho que há outros aspectos do Serviço Social. Por exemplo, quem lidou com criança, quem lidou com saúde, quem lidou com habitação, quem lidou com agricultura. Essas quatro coisas. Talvez até justificaram depois, eu posso ver com as que ainda estão vivas, quais são as que teriam material para dar para vocês. Eu acho criança, família, saúde e...habitação. E muita gente do Nordeste que lidou com aquilo tudo lá.

Nós agradecemos muito à senhora.

Isso, se havia isso, esse meu é assim: um passarinho no meio de uma Floresta Amazônica.

Bem, a gente vai tentando, não é, Dona Maria da Glória.

Vai tentando, mas eu acho que vocês devem ir em frente. Agora, eu falo muito. Eu outro dia disse à presidente da coisa: “Vamos almoçar junto porque eu acho que você está muito longe da cidadania.”

Presidente de que?

Do CBSS. “Vamos conversar. Vocês estão muito longe da cidadania. Precisa dar uma virada aí nesse negócio.” Não é? Mas eu sempre fui uma pessoa que li e estudei. E o brasileiro não gosta muito de ler coisa séria não. Eu vejo pela televisão. Você hoje tem o canal dois com muita coisa boa e não é todo mundo que vê. Fica vendo essa droga...!

Bom, então vamos finalizar a entrevista, agradecendo muito a dona Maria da Glória, o tempo que ela nos dedicou essa tarde toda...

Um prazer que eu tive.

E realmente muito obrigada, viu, dona Maria da Glória? Muito obrigada.

[FINAL DO DEPOIMENTO]